



# vida pastoral

março-abril de 2023 – ano 64 – número 350

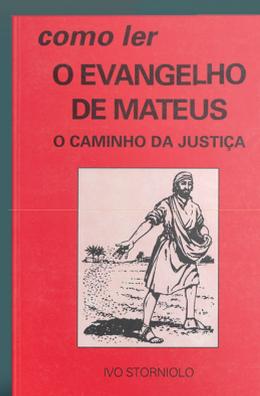
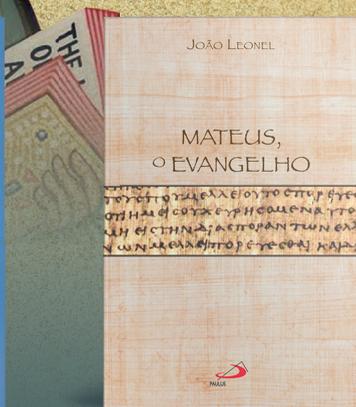


## CUIDAR DE QUEM TEM FOME

Campanha da Fraternidade 2023

*“Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16)*

# Mateus, o Evangelho da justiça do Reino



O ano de 2023 é dedicado, na liturgia, ao Evangelho segundo Mateus, o qual testemunha o esforço da Igreja primitiva de manter-se fiel a Jesus de Nazaré e ao Reino dos Céus anunciado por ele. Para celebrar bem o ano litúrgico, preparamos obras que ajudarão você a estudar esse Evangelho e adentrar na proposta do Reino. Confira!

paulus.com.br/loja  
11 3789-4000 | 0800-0164011  
vendas@paulus.com.br  
f i t @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!



## Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida  
pastoral

Na calçada, algo parecido com corpo de gente. Enrolado com uns panos imundos. Move-se. Treme. Se geme, não se ouve. Está encurvado. O cobertor é curto. Temperatura baixa. Chão frio. A vida é fio. E o corpo? Está frio, com certeza.

Avenida movimentada. É o centro e o símbolo do poder econômico do país. Gente importante passa por ali. Parece até desfile de moda. Também se assemelha a formigueiro assanhado.

Ouvem-se os “toc-toc” de sapatos. Todos têm pressa. Uns vão, outros vêm. Os prédios ostentam poder. Tão altos. Tudo muito limpo. Há torres querendo alcançar os céus. Barulho. Muito barulho. Pessoas saem de sob o chão. É a estação do metrô. O movimento é intenso.

O sol ainda não apareceu. Dia enevoadado. As lojas abrem-se. Suas vitrines são sedutoras. Anúncios, letreiros luminosos. Tudo é movimento. Apesar do dia embaçado, a avenida não perde seu brilho.

Semáforos. Carros velozes, indo e vindo. Seus vidros são escuros, não se vê quem lá dentro está. Aqui fora não é diferente. Ninguém se vê. Pelo menos é o que parece. A sensação que se tem é de aglomeração solitária. Tropeçam uns nos outros; no entanto, o clima é de indiferença.

O tempo fica mais escuro. No muro, a frase: “Mais amor, por favor!” Começa a garoar. Apressam-se os passos. Abrem-se grandes e pequenos guarda-chuvas, quase todos escuros. O dia segue agitado. E o corpo? Ah, o corpo. Permanece ali. Ninguém se deu conta dele. É mais um ser humano que deixa de existir aos olhos da multidão apressada.

Aquele corpo não derruba bolsa de valores, não influi na cotação do dólar, não deixa o mercado nervoso. O mercado é um ente invisível melindroso. Ele fica nervoso quando aquele 1% mais rico entre os brasileiros teme lucrar menos. Mercado é feito ídolo, é oco.

Mas tem seguidores ávidos, ocos igualmente, sem coração e vazios de pensamento.

Aquele corpo é um corpo de fome. Ninguém sabe seu nome. É a estatística dos 19 milhões de brasileiros que vivem em privação extrema de alimentos. Aquele corpo faz parte do retrato da população brasileira, em que mais da metade (55,2%) não faz três refeições ao dia. Aquele corpo é uma multidão de dor. Como disse a escritora e favelada Maria Carolina de Jesus: “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”. Aquele corpo é um soco no abdome. A fome é um escândalo que viola os direitos humanos.

Aquele corpo é parte do aumento acachapante da população em situação de rua (são mais de 221.869 mil irmãos nossos vivendo totalmente destituídos de sua dignidade, na cidade e sem um lugar no mundo).

Aquele corpo é o corpo de Cristo e nos faz recordar sua ordem: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). Os discípulos, outrora, procuraram desculpas. Jesus os acordou para não perderem a hora de fazer o bem. Quem está com fome não pode esperar.

Que nosso proceder esteja impregnado de humanidade, assim como foram as atitudes de Jesus. O Senhor da vida nos dê um coração compassivo e reacenda em nós a chama da solidariedade, para que nossa mente seja capaz de senso crítico diante da realidade, a qual nos pede compromisso; afinal, é tarefa nossa trabalhar pelo Reino de Deus. Enquanto houver um irmão nosso passando fome, é urgente nossa ação. A fome é violência, é crime. Combatê-la é a certeza de que a alegria do céu se faz presente já no hoje de nossa história.

Boa leitura!

*Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp*  
Editor

# vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes  
e agentes de pastoral

Ano 64 - Nº 350  
março-abril de 2023



© PAULUS – 2023  
Pia Sociedade de São Paulo  
Rua Francisco Cruz, 199  
04117-091 – São Paulo - SP  
paulus.com.br  
ISSN – 0507-7184

**Jornalista responsável**  
Valdir José de Castro, ssp

**Direção editorial**  
Darlei Zanon, ssp

**Editor**  
Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

**Redação**  
vidapastoral@paulus.com.br

**Conselho editorial**  
Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp  
Darci Luiz Marin, ssp  
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp  
Darlei Zanon, ssp

**Imagens**  
Romolo Picoli Ronchetti

**Imagem da capa**  
Romolo Picoli Ronchetti

**Diagramação**  
Philipe Silva Ribeiro dos Santos

**Revisão**  
Alexandre Soares Santana  
Tiago José Risi Leme

**Impressão - PAULUS**

**Versão digital**  
vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.  
**Área:**  
Humanidades e artes.  
Curso: Teologia.

## Sumário

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023: CUIDAR DE QUEM TEM FOME .....	4
Patriky Samuel Batista	
DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA E DIREITOS HUMANOS .....	16
Elvis Rezende Messias	
O EVANGELHO DE MATEUS NA DINÂMICA DO ANO LITÚRGICO – CICLO A .....	26
Aíla Luzia Pinheiro de Andrade	
YOUCAT: A COLEÇÃO QUE ATRAIU OS JOVENS PARA O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA .....	32
Altirez dos Santos	
ROTEIROS HOMILÉTICOS .....	40
Celso Loraschi e Johan Konings ( <i>in memoriam</i> )	

## Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: [www.vidapastoral.com.br](http://www.vidapastoral.com.br)

### Para contato:

[paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja)  
☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
☎ (11) 99974-1840  
✉ [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)  
f @ @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!

### APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44, 45, 78, 79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

### ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

### BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina  
(91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

### BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136  
Ed. Arcângelo Maleta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

### BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I  
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasil@paulus.com.br

### CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro  
(83) 3182-0659 / 99956-0020  
campinagrande@paulus.com.br

### CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

### CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

### CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029  
(54) 3221-7797  
caxias@paulus.com.br

### COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

### CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

### CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

### FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

### FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

### GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

### GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1  
(42) 9926-0224  
guarapuava@paulus.com.br

### JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de  
Carvalho, 134 – Centro  
(83) 3221-5108  
joaopessoa@paulus.com.br

### JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

### MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro  
(82) 3142-0544  
maceio@paulus.com.br

### MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

### NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

### PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

### RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

### RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

### RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

### SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris  
(71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

### SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

### SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

### SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluis@paulus.com.br

### SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

### SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metró Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

### SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro  
(15) 3442-4300 / 3442-3008  
sorocaba@paulus.com.br

### TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro  
teresina@paulus.com.br

### VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br

Patriky Samuel Batista\*

\*Pe. Patriky Samuel Batista é subsecretário adjunto geral da CNBB e especialista em Teologia Pastoral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte-MG. E-mail: patrikysb@yahoo.com.br



# CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Cuidar de quem tem fome

*Sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentar o flagelo da fome. Pela terceira vez, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) aborda um triste cenário que afeta a vida de milhões de brasileiros e brasileiras. É tempo de cuidar de quem tem fome e refletir sobre os paradoxos e contrastes de um país chamado de celeiro do mundo, enquanto nele crescem os números do desperdício e se multiplicam os que têm fome e sede de justiça. A solução para a superação desse triste contexto está no exercício da fraternidade, da prática do amor que Cristo nos ensinou.*

## **INTRODUÇÃO**

Facilmente recordamos que, no início da pandemia sanitária da covid-19, quando a normalidade da rotina mundial foi interrompida, surgiu uma tentativa de narrativa no sentido de apontar razões de esperança, enquanto o número de vítimas crescia assustadoramente. Já não podíamos viver como antes. Era preciso um novo normal. Como seria a vida no pós-pandemia? Uma vez que havíamos percebido que estávamos todos interligados, cabia à humanidade sair melhor daquela crise.

Hoje, passados cerca de três anos do início da pandemia, percebemos que as coisas não caminharam na direção imaginada. De um lado, contemplamos o crescente aumento de doenças emocionais, a crise migratória, a proliferação da violência e das guerras; de outro, multiplicam-se polarizações, a ausência de diálogo, a crescente indiferença e, principalmente, o escândalo da fome, que, com maior intensidade, volta a figurar como triste realidade em nosso país e no mundo. Em muitos aspectos, retrocedemos. Esses são alguns dos inúmeros desafios do tempo presente que clamam a presença dos homens e mulheres de boa vontade. Tal cenário nos chama a atenção para um importante dado: não existem respostas fáceis para desafios complexos. Nem sempre os dramas humanos, em si

mesmos, são capazes de nos ajudar a encontrar um novo rumo para a humanidade. Eis a grande pergunta que emerge dessa realidade: O que aconteceu conosco? O que acontecerá se não recuperarmos o mandamento do amor dado por Jesus Cristo – amor que se concretiza em gestos de compaixão, proximidade e cuidado – e, com ele, o compromisso com os pobres? É preciso conversão, vivida à luz da fé pascal, que nos ajude a encontrar um novo rumo para a humanidade. E não somente encontrar, mas também percorrer juntos esse caminho sem perder a sensibilidade e a compaixão, sobretudo por quem passa fome.

Diante do drama da fome, é urgente recuperar a paixão compartilhada por uma comunidade de pertença e de solidariedade à qual saibamos dedicar tempo, esforços e bens. Eis o caminho apresentado pelo papa Francisco na *Fratelli Tutti* (FT 36). Nessa encíclica, o papa ainda chama a atenção para as consequências de um estilo de vida consumista, que faz que o princípio do “salve-se quem puder” seja rapidamente traduzido no lema “todos contra todos”, e isso será pior do que a pandemia (FT 36). “A obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de mantê-lo, só poderá provocar violência e destruição recíproca” (LS 204).

“DIANTE DO DRAMA DA FOME,  
É URGENTE RECUPERAR A PAIXÃO  
COMPARTILHADA POR UMA  
COMUNIDADE DE PERTENÇA E DE  
SOLIDARIEDADE À QUAL SAIBAMOS  
DEDICAR TEMPO, ESFORÇOS E BENS.”



Em 2023, a CNBB promove a 59ª edição nacional da Campanha da Fraternidade, pon-do em evidência o tema da fome. Fraternida-de e fome: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). Com o intuito de sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentar o flagelo da fome por meio de compromissos que transformem essa situação à luz do Evan-gelho de Jesus Cristo, a CF ergue pela terceira vez sua voz, chamando nossa atenção para a assustadora realidade da carência de alimen-tação vivida por uma multidão de irmãos e irmãs, e nos provoca a encontrar respostas criativas para a superação desse cenário. É tempo de cuidar de quem tem fome.

## 1. A FOME É REAL

Os números da fome no Brasil estão em rápida ascensão, um triste reflexo do contexto de degradação social e de retrocessos insti-tucionais, acentuados pelas consequências da pandemia, que levaram ao empobrecimento da sociedade brasileira. Segundo o *Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da covid-19* (<https://olheparaafome.com.br>), em 2022, no Brasil, 33,1 milhões de pessoas não tinham o que comer (<https://www.oxfam.org.br/especiais/olhe-para-a-fome-2022/>). Eram 14 milhões a mais de brasileiros com fome em pouco mais de um ano; mais da metade (58,7%) da população brasileira convivendo com a insegurança alimentar em algum grau (leve, moderado, grave). O Brasil regrediu para um patamar equivalente ao da década de 1990, com muitos brasileiros incapazes de se alimentar adequa-damente. Isso significa que seis de cada dez pessoas (125 milhões da população brasileira) não conseguem acesso pleno à alimentação.

Fruto da indiferença e da desigualdade social, tal como as demais formas de pobreza, a fome existe também porque muitas pessoas deixaram de olhar para seu semelhante. Parece que naturalizamos a fome e normatizamos a indiferença. A fome é triste realidade que atualmente temos diante dos olhos. É impos-sível não perceber o grito de muitos irmãos e irmãs que não sabem se hoje, enquanto refle-timos sobre o tema, terão algo para comer. Os noticiários, as pesquisas, os dados e estatísticas, os inúmeros diagnósticos, a mídia em geral, as redes sociais, os irmãos e irmãs que pedem auxílio nos semáforos das grandes cidades e o aumento das pessoas em situação de rua denunciam que algo não vai bem. A fome vai além dos números e das estatísticas. Ela tem nome, rosto e história. É a sobrevivência e a dignidade humana que estão em perigo. É a dignidade humana que está ameaçada.

Constituindo uma necessidade natural e um poderoso instinto de sobrevivência, a fome possui uma dimensão social que precisa ser enfrentada. Sem alimento, não há desenvolvimento. Sem nutrição, os dons e talentos não se desenvolvem. Sem comi-da, não há vida. A fome subtrai as energias dispensadas em favor de um mundo mais justo e solidário. Fere a dignidade humana e desfigura a imagem e semelhança de Deus.

A fome é também um escândalo, afirma o papa Francisco, e um crime contra os di-reitos humanos:

Produzimos comida suficiente para todas as pessoas, porém muitas ficam sem o pão de cada dia. Isso “constitui um verdadeiro escândalo”, um crime que viola direitos humanos básicos. Portanto, é um dever

de todos extirpar essa injustiça mediante ações concretas e boas práticas, e mediante políticas locais e internacionais ousadas (FRANCISCO, 2021, tradução nossa).

Para a humanidade, a fome não é só uma tragédia, mas também uma vergonha, insiste o papa Francisco. Em grande parte, é provocada por uma distribuição desigual dos frutos da terra, à qual se aliam a falta de investimentos no setor agrícola, as consequências das mudanças climáticas e o aumento dos conflitos em várias regiões do planeta. Como se isso não bastasse, descartam-se toneladas de alimentos. Diante dessa realidade, não podemos permanecer insensíveis ou paralisados. Somos todos responsáveis (FRANCISCO, 2020b).

No horizonte da fé, as palavras de São Basílio nos ajudam a refletir sobre esse cenário:

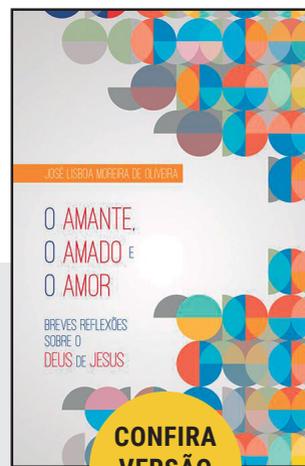
O pão que para ti sobra é o pão do faminto. A roupa que guardas mofando é roupa de quem está nu. Os sapatos que não usas são os sapatos dos que andam descalços. O dinheiro que escondes é o dinheiro do pobre. As obras de caridade que não praticas são outras tantas injustiças que cometes. Quem acumula mais que o necessário pratica crime (SOBRE CARIDADE..., 1999).

## 2. AS CONTRADIÇÕES DO “CELEIRO DO MUNDO”

Durante a era Vargas (1935-1947), surgiu um *slogan* que incentivou o avanço das fronteiras agrícolas, processo que se concretizou no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970: “Brasil, celeiro do mundo”. Hoje esse é um fato em plena consolidação. O Brasil é um dos principais produtores/exportadores de alimentos do mundo. São, em média, 43 milhões de hectares destinados à agricultura e à pecuária. Com base nos resultados alcançados pelo agronegócio nacional já no início dos anos 2000, mais precisamente entre 2003 e 2004, o relatório mundial de *commodities* divulgado pela

## O amante, o amado e o amor

José Lisboa Moreira de Oliveira



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra é indicada a todos os que querem viver intensamente a comunhão com a Trindade, a qual nos convoca e nos reúne na grande assembleia (*ekklesia*) daqueles que são chamados ao amor. Pode ser muito útil também para os cursos de graduação das faculdades de Teologia.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) já constatava que o Brasil possuía todas as condições para se tornar o principal produtor/exportador de produtos agrícolas em doze anos.

Segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a soma de bens e serviços gerados no agronegócio chegou, em 2020, a R\$ 1,98 trilhão ou 27% do PIB brasileiro. Entre os segmentos, a maior parcela é a do ramo agrícola, que corresponde a 70% desse valor (R\$ 1,38 trilhão), enquanto a pecuária corresponde a 30% ou R\$ 602,3 bilhões (<https://cnabrazil.org.br/cna/panorama-do-agro>). O valor bruto da produção (VBP) agropecuária alcançou R\$ 1,10 trilhão em 2020, dos quais R\$ 712,4 bilhões na produção agrícola e R\$ 391,3 bilhões no segmento pecuário. Por fim, em maio de 2022, as exportações brasileiras totais apresentaram elevação de 13,2% em relação ao mesmo mês de 2021. Contribuíram para o resultado positivo as exportações de produtos do agronegócio (+13,8%) e dos demais setores (+12,5%). Nesse mesmo mês, o superávit da balança comercial do agronegócio foi de US\$ 13,6 bilhões, enquanto o déficit dos demais produtos foi de US\$ 8,6 bilhões; com isso, o saldo da balança comercial total do Brasil foi superavitário em US\$ 4,9 bilhões (<https://cnabrazil.org.br/publicacoes/boletim-do-comercio-exterior-do-agronegocio-3>).

O mesmo não pode ser dito da agricultura familiar no Brasil, a qual é a base da alimentação da população e carrega em si a responsabilidade de colocar alimentos na mesa dos brasileiros e proporcionar renda às famílias do campo. É a agricultura familiar que garante 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros; apesar disso, ela sofre a ausência de incentivos e enfrenta dificuldades, como a falta de conectividade, o acesso limitado ao crédito, o fechamento das escolas no campo, entre outros. Apenas com investimento em conectividade e inclusão digital, o país poderia dar um salto

de até R\$ 78 bilhões no valor bruto da produção agrícola. No que diz respeito a políticas públicas para a agricultura familiar, mesmo nos melhores momentos do país, os investimentos sempre foram insuficientes (<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/09/4878333-desigualdades-no-campo.html>).

A agricultura familiar possui um valor que vai além das comparações com as outras modalidades da produção de alimentos. Seu valor é indiscutível! Segundo dados do IBGE (2017), 77% dos estabelecimentos rurais no Brasil – ou seja, 3,9 milhões de propriedades – são classificados como de agricultura familiar e correspondem a 23% da área de todos os estabelecimentos rurais do país. Transformando as informações do Censo de 2017 em valores, conclui-se que R\$ 107 bilhões provêm desse sistema de produção, o que equivale a 23% de toda a produção agropecuária brasileira (<https://www.conab.gov.br/agricultura-familiar/boletim-agricultura-familiar>).

É preciso apoiar a agricultura familiar, que pode cumprir um papel importante para a superação da miséria e da fome. Para isso, deve-se incentivar a produção de alimentos de formas sustentáveis. *Os pequenos produtores têm acesso a apenas 14% de todo o financiamento disponível para a agricultura e se concentram em apenas 23% das terras agriculturáveis no país.* A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), em um levantamento realizado em 2014, estimou que as propriedades inferiores a um hectare de terra correspondiam a 72% de todas as

“O BRASIL REGREDIU PARA UM PATAMAR EQUIVALENTE AO DA DÉCADA DE 1990, COM MUITOS BRASILEIROS INCAPAZES DE SE ALIMENTAR ADEQUADAMENTE.”

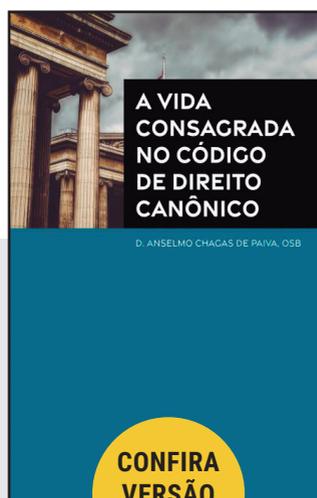
propriedades do mundo e apenas 8% dessas se destinavam à agricultura (<https://www.politize.com.br/agricultura-familiar/>).

Como podemos constatar, ainda vivemos em um país com profundas desigualdades sociais. De um lado, a cada ano batemos recordes de produção de grãos; de outro, são milhões em situação de fome e insegurança alimentar. O que então nos falta? Real compromisso e envolvimento para superar os desafios que favorecem a miséria e a fome. É preciso lavar os olhos com as lágrimas de quem passa fome para ver a realidade, muitas vezes camuflada, que oculta inúmeras contradições. Ver, compadecer e cuidar. Para tanto, é preciso cultivar um coração que se converta ao Evangelho e seja capaz de olhar com sinceridade as necessidades do outro, aprender a repartir, para que ninguém viva com fome ou tenha de recorrer ao lixo para sobreviver com aquilo que foi desperdiçado de nossas mesas. Educar para não desperdiçar e repartir é compromisso de fraternidade. Como é possível que alguém passe fome dentro do celeiro do mundo? São contrastes que desafiam os discípulos missionários de Jesus Cristo. É ele quem nos diz: “Eu vim para que todos tenham vida em plenitude” (Jo 10,10). É ele quem nos diz, ao ver a multidão dos que passam fome: “Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16).

Além desses contrastes, vivemos triste realidade: o desperdício de alimentos. Cerca de 1/3 de toda a produção de alimentos é desperdiçada em todas as etapas, ou seja, 30% de tudo o que é produzido no planeta é totalmente descartado. E quando chegam para os consumidores aqueles alimentos que não possuem uma “boa estética”, são rejeitados, ainda que possuam o mesmo valor nutricional. Isso sem mencionar a quantidade de alimento pronto para consumo que vai para o lixo todos os dias em nossas casas e também nos restaurantes. Nesse sentido, o papa Francisco afirma que

## A vida consagrada no Código de Direito Canônico

*D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB*



304 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Após fazer um apanhado histórico sobre a vida consagrada na Igreja, a obra apresenta as normas processuais, tanto em sua dimensão técnica quanto pastoral, que regem os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



“É PRECISO APOIAR  
A AGRICULTURA FAMILIAR,  
QUE PODE CUMPRIR UM  
PAPEL IMPORTANTE PARA  
A SUPERAÇÃO DA MISÉRIA  
E DA FOME.”

a comida que se descarta é como se fosse roubada da mesa de quem é pobre, de quantos têm fome! Convido todos a refletir sobre o problema da perda e do desperdício de alimentos, para encontrar caminhos e modos que, enfrentando seriamente tal problemática, sejam veículo de solidariedade e de partilha com os mais necessitados (FRANCISCO, 2013).

De fato, é urgente cuidar de quem tem fome e promover a superação das estruturas que a estabelecem. Como recorda São João Crisóstomo: “Não me digais que é impossível cuidar dos outros. Se sois cristãos, o impossível é que não cuideis” (CRISÓSTOMO, 1862, p. 961-962).

### 3. CUIDAR DE QUEM TEM FOME

Dar de comer a quem tem fome é a primeira obra de misericórdia corporal. Faz parte da identidade cristã. É compromisso com a vida, caminho seguro para a salvação. O Evangelho segundo Mateus afirma que, quando o Filho do Homem vier em sua glória, as nações da terra serão reunidas diante dele e ele mesmo separará uns dos outros (Mt 25,31-46). Nesse dia, receberão o Reino como herança aqueles que lhe deram de comer quando estava com fome; aqueles que lhe deram de beber quando estava com sede; que o receberam em casa quando forasteiro; que o vestiram quando estava nu; aqueles que dele cuidaram quando estava doente e que o visitaram quando estava preso (Mt 25,36). Mas como isso foi possível? Eis a pergunta que lhe fizeram: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?” (Mt 25,37). Aqui há uma identificação muito

forte: o Filho do Homem se identifica com aqueles que passam fome. Cuidar de quem tem fome é cuidar do próprio Cristo.

Um dos princípios da caridade cristã afirma que ela é uma virtude pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, por ele mesmo, e ao próximo como a nós mesmos, por amor de Deus. Ao mesmo tempo, quanto mais o ser humano faz o bem, mais livre se torna. Não há verdadeira liberdade senão no serviço do bem e da justiça (CIC 1733).

Os pobres, quando amados e acompanhados a partir de uma experiência de fé por parte de quem cuida, são reconhecidos verdadeiramente como irmãos. Eis aqui a identidade de uma autêntica opção pelos pobres, que brota do Evangelho. Optar por eles tem consequência na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuir o mesmo sentir e pensar de Cristo Jesus (Fl 2,5). Por isso, afirma o papa Francisco, “desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a nos ensinar” (EG 198). Assim, qualquer tentativa de utilizar os pobres a serviço de interesses pessoais ou políticos está totalmente fora da proposta do Evangelho. Apenas com base em uma proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente. Isso fará que realmente os pobres, sobretudo aqueles que passam fome, se sintam, em cada comunidade cristã, como se estivessem em sua própria casa (EG 199).

Na mensagem para a Quaresma de 2021, o papa Francisco afirmou que, a partir do “amor social”, é possível avançar para uma civilização do amor. “Com seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar

vias eficazes de desenvolvimento para todos” (FRANCISCO, 2020c). Realmente a caridade é um dom “que dá sentido à nossa vida e graças ao qual consideramos quem se encontra na privação como membro da nossa própria família, um amigo, um irmão” (*ibid.*). Alguém que é convidado a sentar-se à mesa conosco, e não a ser servido na soleira da casa dos cristãos.

São inúmeras as iniciativas de cuidado para com os pobres e famintos desempenhadas pela Igreja no Brasil, tais como associações, grupos juvenis, pastorais, movimentos e serviços paroquiais, que põem em ação a ordem de Jesus Cristo: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). Nesse sentido, a CF-2023 é uma ocasião para recuperarmos tais iniciativas e promovê-las a fim de que o anúncio do Evangelho seja acompanhado por gestos de fraternidade, fomentando a solidariedade guiada pela fé.

Em 2023, pela terceira vez, a fome é tratada pela Igreja no Brasil na Campanha da Fraternidade. A primeira foi em 1975, com o tema “Fraternidade é repartir” e o lema “Repartir o pão”. Era o ano do Congresso Eucarístico Nacional de Manaus. Naquela ocasião, o grande objetivo era promover a fraternidade entre os brasileiros, desde os que conviviam na mesma comunidade local até os distantes, dos quais eram conhecidas só as carências. Essa fraternidade deriva do amor a Deus, Pai comum, e do exemplo heroico de Cristo, morto por todos. Trata-se de fraternidade afetiva e efetiva, que tem inúmeras formas de expressão e deve levar a atitudes concretas e sinceras. Fraternidade é repartir.

Nos textos dessa campanha, foram apresentadas algumas propostas de reflexão para cada um dos domingos do tempo quaresmal, atualmente ainda pertinentes: é preciso refletir sobre o pão que nutre o corpo; o pão da cultura; o pão da amizade; o pão da Palavra de Deus e o pão da vida eterna, que devem ser partilhados hoje.

Também em 1975, São Paulo VI, em sua mensagem para a vivência da CF, afirmou:

Até o fim dos tempos, os pobres estarão “com” Jesus. Eles são seus parceiros, seus companheiros, seus irmãos e irmãs. O cristão, precisamente por ser cristão, deve colocar-se ao lado dos desprovidos. Deve pôr o melhor do seu empenho em assisti-los nas suas necessidades mais urgentes. Não pode fugir de comprometer-se para ajudá-los pelos meios ao seu alcance, para a edificação de um mundo melhor, de um mundo mais justo.

Em 1985, o tema volta pela segunda vez. Novamente estávamos às portas de um Congresso Eucarístico Nacional, que teve lugar em Aparecida, com o lema “Pão para quem tem fome”. O objetivo da campanha era claro: contribuir para motivar a comunidade cristã a assumir sua responsabilidade ante a situação de fome existente no Brasil. Em sua mensagem para a CF-1985, São João Paulo II exortava-nos a viver a campanha com as seguintes palavras:

Vede, irmãos! Nunca a humanidade dispôs de tantos bens e possibilidades, como hoje. No entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra, irmãos na humanidade, é atormentada pela fome e miséria. Fome no mundo e fome no Brasil! Sem deixar de reconhecer a complexidade do problema, pode-se perguntar: terá esta tragédia de tantos irmãos nossos explicação somente nas calamidades naturais, ou também obras ou omissões comodistas, egoístas, dos homens contribuem para agravá-las?

Agora, em 2023, logo depois do 18º Congresso Eucarístico Nacional – realizado em Recife, de 11 a 15 de novembro de 2022, sob o tema “Pão em todas as mesas” –, a Igreja

“A CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023 É UMA OCASIÃO PARA RECUPERARMOS TAIS INICIATIVAS E PROMOVÊ-LAS A FIM DE QUE O ANÚNCIO DO EVANGELHO SEJA ACOMPANHADO POR GESTOS DE FRATERNIDADE, FOMENTANDO A SOLIDARIEDADE GUIADA PELA FÉ.”

no Brasil enfrenta pela terceira vez o flagelo da fome, com o lema que é uma ordem de Jesus aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). É vocação, graça e missão da Igreja obedecer a Jesus e cumprir sua ordem.

Os bispos do Brasil desejam, com esta campanha, ajudar-nos a desvelar as causas estruturais da fome no Brasil, bem como identificar as contradições de uma economia que mata pela fome. Para isso, é preciso aprofundar o conhecimento e a compreensão das exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome, acolher o imperativo da Palavra de Deus, que nos conduz ao compromisso e à corresponsabilidade fraterna, e investir esforços concretos em iniciativas pessoais, comunitárias e sociais que levem à superação da miséria e da fome no Brasil. Além disso, faz-se necessário estimular iniciativas no âmbito da agricultura familiar agroecológica e na produção de alimentos saudáveis; reconhecer e fomentar iniciativas conjuntas entre as comunidades de fé e outras instituições da sociedade civil organizada; mobilizar a sociedade para que haja sólida política de alimentação no Brasil, garantindo que todos tenham vida.

Não podemos nos esquecer de que a superação da miséria e da fome foi também objeto da reflexão dos bispos brasileiros na sua 40ª Assembleia Geral, em abril de 2002, quando, ao celebrar seu jubileu de ouro, a CNBB publicou o documento intitulado *Alimento, dom de Deus, direito de todos*, lançando com ele um mutirão nacional de superação da miséria e da fome.

Durante a pandemia, a Ação Solidária Emergencial da Igreja no Brasil “É Tempo de Cuidar” promoveu diversas iniciativas de solidariedade local, também contribuindo para organizar o serviço da caridade em diversas comunidades eclesiais missionárias. Assim, a Campanha da Fraternidade de 2023 vem para dar continuidade a esse belo serviço à vida, no desejo de atualizar o sonho das primeiras comunidades: “Entre eles ninguém passava necessidade” (At 4,34).

#### 4. “DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER”

Sugestivo e provocante é o lema escolhido para a CF-2023. Estamos no contexto do primeiro milagre dos pães. Ao cair da tarde, os discípulos se aproximam de Jesus e lhe oferecem um inusitado conselho: “Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar comida!” (Mt 14,15). Também nós estamos sujeitos a esta mesma tentação: despedir quem está com fome. Não tê-los diante dos olhos, para não abrigá-los em nosso coração. Não há expressão mais direta e impactante do que esta: “Eles não precisam ir embora” (Mt 14,16a). Ainda hoje parecem ecoar em nossos ouvidos estas palavras, em face da multidão de famintos que temos diante dos olhos: “Eles não precisam ir embora”. É missão do discípulo de Jesus dar de comer, fazendo da própria existência alimento, oferta de vida e cuidado, tal como fez o Mestre.

Com os cinco pães e os dois peixes oferecidos, aprendemos que aquilo que, em nossas mãos, não seria suficiente para uma família se torna milagre nas mãos do Senhor. Aqui compreendemos que a solução para o problema da miséria e da fome não está na quantidade de recursos financeiros que possuímos. Caso fosse essa a solução, o Senhor teria multiplicado algumas moedas que, com certeza, alguém ali trazia. Aos olhos dos incrédulos, seria ótima solução:

multiplica-se o dinheiro e cada um come o que quiser, onde quiser, fazendo o que quiser com as sobras.

A solução está em oferecer a Deus o que temos e somos, promover a fraternidade, sentar-nos como irmãos e partilhar os dons recebidos do Senhor. É preciso aprender a oferecer desde nossa pobreza. “Todos comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobram recolheram ainda doze cestos cheios” (Mt 14,20). Como bem nos recorda Santo Ambrósio, “aquilo que o amor faz, o medo jamais poderá realizá-lo” (DAVIDSON, 2022, tradução nossa). Que nosso amor a Deus e ao próximo nos faça solidários na partilha de tudo aquilo que somos e temos.

### 5. FOME DE DEUS, SIM; FOME DE PÃO, NÃO

Se ninguém sofresse com os males da fome, será que estaríamos todos saciados? Na verdade, há uma sede de Deus que habita o coração de cada pessoa. Com o salmista, rezamos: “Minha alma tem sede de Deus e deseja o Deus vivo. Quando terei a alegria de ver a face de Deus?” (Sl 42,3). Não há como não lembrar as palavras do Divino Mestre: “Então o rei lhes responderá: ‘Em verdade vos digo, todas as vezes que fizestes isso a cada um destes mínimos dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes!’” (Mt 25,40). Um modo de ver a face de Deus é também reconhecê-la em cada irmão e irmã, especialmente naqueles que passam fome. Olhe as pessoas do seu lado! São elas a quem deve amar.

O pão que sustenta o corpo deve ser acompanhado pelo pão que nutre a alma. Por ocasião da beatificação do Pe. Antônio Chevrier, em 4 de outubro de 1986, São João Paulo II afirmou aos Padres do Prado que “os pobres têm o direito de que se lhes fale de Jesus Cristo. Têm direito ao Evangelho e à totalidade do Evangelho”. Conta a história que, durante a visita apostólica ao Brasil em 1980, São João Paulo II viu, em meio à multidão, um cartaz com os dizeres:

## Casa comum ou globalização da indiferença?

Paulo César Nodari



O livro apresenta cinco ensaios com reflexões sobre grandes desafios éticos e políticos de nosso tempo, motivadas, especialmente, pelas cartas encíclicas *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), do papa Francisco. O objetivo principal é levar as pessoas a refletir acerca de temas importantes, destacados nesses dois documentos pontifícios.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

“Santo padre: o povo passa fome”. Ele não se conteve e de imediato exclamou: “Fome de Deus, sim, fome de pão, não”. Eis nosso desejo, também expresso naquela oração conhecida de muitos brasileiros: “Senhor, dai pão a quem tem fome e fome de justiça a quem tem pão”.

## CONCLUSÃO

Não é normal alguém passar fome. Não podemos agir com indiferença, uma vez que nos alimentamos daquele que é o pão da vida. Já nos alertava São João Crisóstomo:

Tu vais participar da Eucaristia? Então, não humilhes teu irmão. Não desprezes o faminto... Quê? Tu fazes memória de Cristo e desprezas o pobre? Tu não ficas horrorizado? Bebeste o sangue do Senhor e não reconheces teu irmão? Ainda que o tenhas desconhecido antes, deves reconhecê-lo nesta mesa... Tu, que recebeste o pão da vida, não faças obra de morte (SOBRE CARIDADE..., 1999).

Dar de comer a quem tem fome é um imperativo ético para toda a Igreja, resposta aos ensinamentos de solidariedade e partilha do Senhor Jesus. Assim nos exorta o papa Bento XVI (2009, n. 27). Além disso, eliminar a fome no mundo tornou-se um objetivo a alcançar para preservar a paz e a subsistência da terra.

Um compromisso que não pode ser esquecido nesse processo de superação da fome é o envolvimento direto na elaboração de políticas públicas, preferencialmente políticas de Estado. A Emenda Constitucional nº 64 inclui a alimentação entre os direitos estabelecidos pela Constituição Federal com aplicação imediata, já que compõe as garantias e direitos fundamentais de cada cidadão, protegendo, assim, as políticas públicas que asseguram alimentação a milhões de brasileiros (Constituição Federal, art. 5º, §1º).

Não se pode correr o risco de ouvir do Senhor: “Eu tive fome e não me destes de comer” (Mt 25,42). É preciso empenho pessoal, comunitário e eclesial, social e político, para superar a fome em nosso país. Os padres do Concílio Vaticano II nos recordaram: “Como são tantos os que sofrem de fome no mundo, o Sagrado Concílio exorta todos, particulares ou autoridades, a que se recordem daquela frase dos Padres da Igreja: ‘Alimenta o que morre de fome, porque, se não o alimentaste, mataste-o’” (GS 69). O *Texto-base* da CF-2023 nos apresenta diversas iniciativas para pôr em prática as indicações da campanha deste ano. São ações no âmbito pessoal, comunitário e social. Inspirado por estas e outras sugestões, somos chamados a voltar nosso olhar para cada comunidade de fé e aí contribuir para a superação desse cenário à luz da fé em Cristo Jesus. **VP**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI, Papa. *Caritas in Veritate*: Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 29 jun. 2009. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html). Acesso em: 13 out. 2022.
- CATECISMO da Igreja Católica. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html). Acesso em: 13 out. 2022.
- CNBB. *Fraternidade e fome*: texto-base da CF-2023. Brasília, DF: Edições CNBB, 2022.
- CRISÓSTOMO, S. J. Homilia 2 sobre Lázaro. In: CRISÓSTOMO, S. J. *Patrologia grega*. Paris: Garnier Frates, 1862. (v. 48). Disponível em: <http://patristica.net/graeca/#t047>. Acesso em: 13 out. 2022.

DAVIDSON, Ivor J. (ed.). *Ambrose De officiis, volume two: commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

FRANCISCO, Papa. *Mensaje para la pre-cumbre sobre los sistemas alimentarios de la ONU*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/pont-messages/2021/documents/20210706-messaggio-sistemi-alimentari.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social (FT). Brasília, DF: Edições CNBB, 2020a.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o dia mundial da alimentação 2020*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 16 out. 2020b. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco\\_20201016\\_videomessaggio-giornataalimentazione.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201016_videomessaggio-giornataalimentazione.html). Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para a Quaresma 2021*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 11 nov. 2020c. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco\\_20201111\\_messaggio-quaresima2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20201111_messaggio-quaresima2021.html). Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (LS). Brasília, DF: Edições CNBB, 2015.

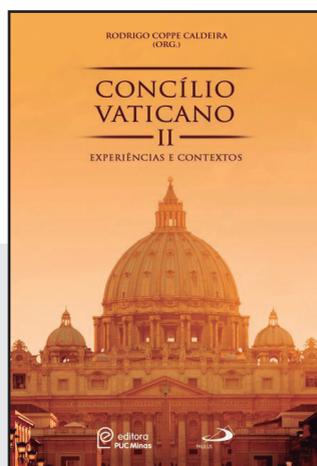
FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). Brasília, DF: Edições CNBB, 2014.

FRANCISCO, Papa. *Audiência geral*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 5 jun. 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130605\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale.html). Acesso em: 13 out. 2022.

SOBRE CARIDADE, pobreza e justiça social. *Veritatis Splendor*, 5 set. 1999. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/sobre-caridade-pobreza-e-justica-social/>. Acesso em: 20 out. 2022.

## Concílio Vaticano II

Rodrigo Coppe Caldeira (org.)



256 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra reúne ensaios de teólogos(as) de renome internacional que versam sobre a organização e a recepção do Concílio Vaticano II – evento mais significativo da Igreja nas últimas décadas –, especialmente na América Latina. Os textos apresentam as potencialidades do Concílio e os desafios que a Igreja tem à sua frente.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

\*Elvis Rezende Messias é licenciado em Filosofia pela UEMG, bacharel em Teologia pela UCDB, mestre em Educação pela Unifal-MG, especialista em Doutrina Social da Igreja pela PUC-GO e em Filosofia pelo Claretiano. Atualmente faz doutorado em Educação pela Uninove (bolsista Capes). É docente pesquisador e vice-diretor da UEMG-Campanha. É autor do livro *O Evangelho social: manual básico de Doutrina Social da Igreja* (Paulus, 2020), em parceria com dom Pedro Cunha Cruz. E-mail: [elvismessias.prof@gmail.com](mailto:elvismessias.prof@gmail.com)

(O presente artigo traz e complementa excertos de versão publicada em *Fadiva – Revista Jurídica*, Varginha/MG, v. 5, p. 58-67, 2019.)

# DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA E DIREITOS HUMANOS



*Apresentamos aqui uma visão da Doutrina Social da Igreja sobre os direitos humanos, que têm sido alvo de profundos ataques nestes tempos difíceis que estamos vivendo. Aos católicos, faz-se necessário superar afirmativas depreciativas dos direitos humanos. Nesse sentido, o ensino social da Igreja, com sua perspectiva teológico-antropológica, é importante auxílio para uma compreensão integral da dignidade humana e da justa defesa de seus direitos fundamentais.*



## **Introdução**

“Direitos humanos é coisa para defender bandido!” “Direitos humanos só se forem para humanos direitos!” Afirmativas como essas têm se tornado comuns ultimamente na boca e no imaginário de alguns cidadãos, tidos como “gente de bem” e “defensores da moral e dos bons costumes”. Tem acontecido um trabalho consideravelmente forte de descrédito por parte de alguns grupos reacionários, que parecem ignorar as conquistas e a verdadeira lógica inerente aos chamados direitos humanos.

Ninguém nega que é importante ser “gente de bem” nem que há algo de bom em defender certa “moral e bons costumes”, mas não é aceitável que as afirmativas acima sejam tidas como bons exemplos do que é ser “gente de bem” e portadora de “bons costumes”.

A “moral” não é uma coisa boa por si mesma, já que pode ser considerada como a forma de conduta específica de determinada realidade grupal, que faz leituras particularizadas do que entende ser “bom” e “melhor” para a humanidade e para a sociedade. Ora, é absolutamente possível que determinado povo defenda com todo vigor sua moralidade, o que não significa, porém, que isso seja considerado algo verdadeira e/ou universalmente bom. Por exemplo, pode ser que faça parte da moral e dos “bons” costumes de determinado povo amputar o clitóris das meninas, mas não quer dizer que isso seja uma coisa realmente boa do ponto de vista ético, de um ponto de vista mais universal, compartilhado pela maioria dos povos. Nem tudo que é tido como moralmente aceitável por um grupo social é, realmente, aceitável do ponto de vista da dignidade humana integral.

Desse modo, antes de veicular a necessidade de defender “a moral e os bons costumes”, é preciso ter claro o que tais defensores entendem por “moral” e por “bons

“O ser humano é digno, sobretudo, pelo que ele é, e não, redutivamente, pelo que ele faz ou deixa de fazer.”

costumes”, assim como questionar qual concepção de ser humano determinado povo ou grupo têm em mente ao categorizar o que deve e o que não deve ser considerado como “gente de bem”. Do mesmo modo, quando se diz que “direitos humanos só servem se forem para humanos direitos”, é preciso ter claro o que se pode entender por “direitos humanos” e por “humanos direitos”.

A situação se torna ainda mais preocupante quando tais discursos são proferidos e disseminados por “gente de bem” pertencente a alguma denominação religiosa, até sob a justificativa de uma pretensa teologia. A fim tratar da questão, tomaremos a discussão sobre os direitos humanos com base nas compreensões teológicas que a Doutrina Social da Igreja católica tem sobre o tema, com o intuito de trazer luzes que desmanquem visões e discursos preconceituosos e segregadores.

## 1. Doutrina Social da Igreja, antropologia teológica e direitos humanos

O tema dos direitos humanos não é ignorado nem rechaçado pela Igreja. Ao contrário, é tomado como importante avanço da reflexão humana contemporânea, sobretudo após as atrocidades desumanas que marcaram, em muitos aspectos, o século XX. No importante *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI), publicado no ano de 2004 pelo então Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, há uma parte que trata exclusivamente do tema dos direitos humanos: capítulo III, parte IV.

O papa São João XXIII foi bastante importante para o desenvolvimento da reflexão eclesial nesse aspecto, pois sua encíclica *Pacem in Terris*, publicada em 1963 em um contexto de expansão da corrida

armamentista nuclear, contém “uma primeira aprofundada reflexão da Igreja sobre os direitos; é a encíclica da paz e da dignidade humana” (CDSI 95). Após sessenta anos da publicação da encíclica, desde então, a Igreja reconhece a proclamação dos direitos humanos, sobretudo o texto de 1948 da ONU – *Declaração Universal dos Direitos Humanos* –, como “um dos mais relevantes esforços para responder, de modo eficaz, às exigências imprescindíveis da *dignidade humana*” (CDSI 152, destaque nosso).

Heinrich Denzinger e Peter Hünermann (2015) afirmam que com a *Pacem in Terris* “os direitos da pessoa humana são, pela primeira vez, fundados e reconhecidos no seu conjunto, a partir dos princípios cristãos, pelo magistério eclesial” (2015, p. 887), e acrescentam que um exemplar da encíclica foi enviado aos membros da ONU pelo papa “em sinal de solidariedade” (MESSIAS, 2021, p. 41).

Como a afirmativa acima denota, todo o fundamento dos direitos humanos – que são, então, devidamente reconhecidos como algo bom pela Igreja – está na inalienável e integral dignidade da pessoa humana. E onde se encontra a raiz de tal dignidade, segundo o ensinamento social católico? No fato crucial de que o ser humano é realidade criada à imagem e à semelhança de Deus – *imago Dei* (Gn 1,26-27). Ora, “a Igreja vê no homem, em cada homem, a imagem viva do próprio Deus. [...] Portanto, ‘por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de *pessoa*: ele não é apenas uma coisa, mas alguém” (CDSI 108-109).

Aqui há algo de fundamental para a compreensão cristã dos direitos humanos: por sua origem em Deus, a dignidade humana é identificada e está configurada em uma dimensão profundamente ontológica; ou seja, o ser humano é digno, sobretudo, pelo que

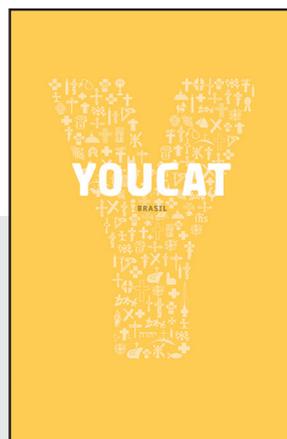
ele é, e não, redutivamente, pelo que ele faz ou deixa de fazer. Sua condição imperdível de pessoa humana, criada à imagem de Deus e chamada por esse mesmo Deus à comunhão com ele e com as outras pessoas em sociedade (CDSI 108), é suficiente para o reconhecimento de sua dignidade. Isso é fundamental, como dissemos, porque nos ajuda a entender que, ainda que uma pessoa resolva enveredar pelo caminho da delinquência, sua dignidade ontológica permanece e, como tal, é merecedora de defesa e promoção, pois não se trata de uma realidade meramente concedida pelos Estados ou decidida por assembleias. Por consequência, em uma perspectiva sociojurídica, é reconhecido, então, o fato de que os direitos humanos são respostas às necessidades naturais do ser humano, e não uma concessão institucional. O Estado está obrigado a reconhecer a existência natural de tais direitos e a respeitá-los, servi-los e promovê-los por meio do seu direito positivo. Diz o *Compêndio*:

Nos direitos humanos estão condensadas as principais exigências morais e jurídicas que devem presidir à construção da comunidade política. Tais direitos constituem uma norma objetiva que está na base do direito positivo e que não pode ser ignorada pela comunidade política, porque a pessoa lhe é ontológica e teleologicamente anterior: o direito positivo deve garantir a satisfação das exigências humanas fundamentais (CDSI 388).

Nesse sentido, conforme nossa provocação na introdução deste artigo, o que se entende por “ser humano” é orientador para o que se pretende entender sobre seus direitos e balizador das atividades jurídicas. Ao contrário do que tem sido dito por aí, os direitos humanos não são realidades exclusivas de “humanos direitos”, mas tão somente de “humanos”, desse ser humano

## YOUCAT: Catecismo jovem da Igreja Católica

Fundação Youcat



304 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Livro destinado aos jovens para que compreendam melhor o Catecismo da Igreja Católica. Elaborado em forma de conversa, possui uma linguagem dinâmica, com 527 perguntas e respostas que exprimem a fé.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

que – mesmo em diversas situações de desvio de conduta social, mesmo em situações que atentem contra o princípio fundamental do bem comum – mantém sua dignidade ontologicamente preservada.

Sobre isso, o *Catecismo da Igreja Católica* (CIC), na atual redação do número 2.267 publicada como *Rescriptum* pela Congregação para a Doutrina da Fé em 2018, no contexto da inadmissibilidade do recurso à pena de morte, por exemplo, como instrumento de salvaguarda do bem comum, oferece-nos uma reflexão fundamental. Ali se afirma claramente que “hoje vai-se tornando cada vez mais viva a consciência de que a *dignidade da pessoa não se perde, mesmo depois de ter cometido crimes gravíssimos*” (CIC 2.267). Isso faz parte do núcleo da antropologia teológica católica e ilumina todo o horizonte de sua ação pastoral. Um católico não pode perder esse horizonte de fé ao abordar qualquer questão social, como é o caso da temática dos direitos humanos. A doutrina da Igreja oferece uma visão integral do ser humano, anunciando a dignidade inviolável de toda e cada pessoa, introduzindo as realidades do trabalho, da economia, da política e do direito em uma perspectiva original que ilumina os autênticos valores humanos (CDSI 522). Donde se pode afirmar:

A ação pastoral da Igreja no âmbito social deve testemunhar, antes de tudo, a verdade sobre o homem. A antropologia cristã permite um discernimento dos problemas

sociais, para os quais não se pode encontrar boa solução se não se tutela o caráter transcendente da pessoa humana plenamente revelada na fé (CDSI 527).

Nessa mesma perspectiva, são também elucidativas as reflexões de autores cristãos. Jacques Maritain (1967, p. 12), por exemplo, sustenta que, “por mais indigente e esmagada que seja, uma pessoa é, como tal, um todo, e como pessoa ela subsiste de maneira independente”. E Bartolomeu Sorge (2018), por sua vez, afirma:

O Evangelho ensina que o homem vale pelo que é e não pelo que tem ou pelo que faz. O homem merece amor e respeito porque vive, não porque possui. A sua dignidade está ligada ao fato de que é pessoa. Portanto, desde o momento em que se acende a primeira centelha da vida no seio da mãe, até o momento da morte física, toda pessoa conservará sempre a sua honorabilidade, mesmo se for pobre ou enferma, mesmo se erra ou é delinquente. A pessoa humana não perde nunca a sua grandeza nativa e ninguém lha pode tirar (SORGE, 2018, p. 27).

Desse modo, percebamos que a Doutrina Social da Igreja reflete que é indispensável sólida antropologia para a elaboração de uma consistente teoria do direito. O princípio antropológico à luz do qual a proposta reflexiva da Igreja se desenvolve não é o pessimista, como se o ser humano fosse uma realidade de natureza ruim, egoísta e predatória. Ao contrário, a antropologia que é eclesiologicamente construída está solidamente embasada na vertente teológica, uma vez que seu viés hermenêutico privilegia uma verdade transcendente sobre o ser humano: a teologia da criação é posta como a base potencializadora indispensável para a compreensão antropológica e social.

*“A doutrina da Igreja oferece uma visão integral do ser humano, anunciando a dignidade inviolável de toda e cada pessoa.”*



O livro do Gênesis nos propõe algumas linhas mestras da antropologia cristã: a inalienável dignidade da pessoa humana [...], a sociabilidade constitutiva do ser humano [...], o significado do agir humano no mundo [...]. Esta visão da pessoa humana, da sociedade e da história é radicada em Deus e é iluminada pela realização do seu desígnio de salvação (CDSI 37).

Ora, falamos aqui, exatamente, de “direitos humanos”. Grosso modo, pode-se entender o termo “direitos” como algo que se refere à ideia de justiça ou mesmo que deriva dessa ideia, enquanto desejo do ser humano em sua dimensão intersubjetiva, relacional, e o termo “humanos” como derivado da ideia de humanidade, como sinal de distinção específica daquilo que o ser humano é, seja pelo aspecto da racionalidade, da criatividade, da sociabilidade, da dimensão da consciência etc.

Partindo da ideia de justiça – segundo a qual é preciso reconhecer o que uma pessoa é e dar-lhe aquilo que lhe é próprio, seja de modo distributivo ou corretivo –, bem como da noção de humanidade, como condição específica de cada ser humano, reconhecido como ser racional e social, divinamente criado à imagem de seu próprio Criador, então também se pode compreender que *os direitos humanos são a solicitação de que seja realizado, na dimensão histórico-temporal, aquilo que o ser humano é em sua realidade mais profunda* e de que sejam reconhecidas e dadas a ele as condições efetivas de desenvolvimento integral de sua própria humanidade.

Há aqui, como se pode notar, uma complementaridade entre a noção que entende, do ponto de vista do direito, o ser humano como cidadão e a noção que entende, do ponto de vista antropológico, o ser humano como pessoa. Como diz Sorge (2018), situando a discussão da legalidade jurídico-política

especialmente no campo da ética, “as regras políticas, econômicas e institucionais (cuja importância ninguém nega) sozinhas não bastam, se faltar a atenção ao componente humano e humanizante [...]. Prova disso é a persistência de graves situações de subdesenvolvimento no mundo” (SORGE, 2018, p. 51).

## 2. Direitos e deveres: a pedra de toque do bem comum

À luz, então, dessa complementaridade entre direito e antropologia, entre aspecto civil e aspecto ontológico, ambos sob o viés paradigmático da teologia, a Doutrina Social da Igreja compreende também que “intimamente conexo com o tema dos direitos é o tema dos deveres do homem” (CDSI 156), evocando “a recíproca complementaridade” entre eles.

Em sua encíclica *Pacem in Terris*, São João XXIII ensina que é justamente da consciência da dignidade da pessoa humana que se depreendem vários de seus *direitos* e faz um grande elenco desses direitos humanos:

- a) o direito à existência e a um digno padrão de vida (PT 11); b) os direitos que se referem aos valores morais e culturais, como à boa fama, liberdade de pesquisa, liberdade de manifestação do pensamento, cultivo da arte, informação pública verídica (combate às *fake news*), direito de instrução de base, de formação técnica, profissional e de acesso aos estudos superiores (PT 12-13); c) o direito à fé pessoal e pública, de liberdade religiosa (PT 14); d) o direito à liberdade na escolha do próprio estado de vida, ao matrimônio livremente contraído, à primazia na educação dos filhos na perspectiva do bem comum (PT 15-17); e) os direitos inerentes ao campo econômico, com marcante senso de responsabilidade



*“Em sua encíclica Pacem in Terris, São João XXIII ensina que é justamente da consciência da dignidade da pessoa humana que se depreendem vários de seus direitos.”*

social, como à livre iniciativa, ao trabalho justo, devidamente desenvolvido sob condições dignas e dignamente remunerado, “condizente com a dignidade humana” (PT 20), à propriedade e sua função social (PT 18-22); f) direito de reunião e associação, oriundo da sociabilidade natural da pessoa (PT 23-24); g) direito de emigração e de imigração, posto que o “fato de alguém ser cidadão de um determinado país” não lhe tira “o direito de ser membro da família humana, ou cidadão da comunidade internacional” (PT 25); direitos de caráter político, como a participação ativa na vida pública e ao bem comum, dado que a pessoa é o sujeito, o fundamento e o fim da vida sociopolítica, e o direito de segurança jurídica contra todo juízo arbitrário (PT 27) (MESSIAS, 2021, p. 53-54).

Segundo o papa, o reconhecimento desses direitos impõe o conseqüente reconhecimento da sua relação indissolúvel com os *deveres*. E apresenta também um elenco do que podemos chamar de deveres humanos:

- a) reconhecer a dignidade integral da pessoa do outro, da reciprocidade de direitos e deveres entre pessoas diversas (PT 30); b) o dever de colaboração mútua e de promover o bem comum (PT 31); c) envidar todos os esforços para que cada pessoa disponha dos bens indispensáveis à sua subsistência (PT 32-33); d) o dever do senso de responsabilidade e de liberdade, fruto de uma viva consciência da

dignidade humana, e que deve ser sempre superior a qualquer coação, imposição externa, medo, dado que “uma convivência baseada unicamente nas relações de força nada tem de humano” (PT 34-35); e) reconhecer os próprios direitos e deveres quanto aos dos demais, deixando-se “conduzir por um amor que sinta as necessidades alheias como próprias”, buscando a comunhão (PT 35); f) considerar “a convivência humana como realidade eminentemente espiritual”, transpondo reducionismos antropológicos, abrindo-se ao dom do outro, reconhecendo valores de ordem transcendente (comunhão, igualdade de dignidade, verdade, justiça, amor, liberdade...) como basilares para a articulação da convivência humana pacífica e condigna ao ser humano (PT 36-37) (MESSIAS, 2021, p. 54-55).

Como se vê, é dever fundamental reconhecer que os outros também são sujeitos de direitos, a fim de que se alcance aquilo que os direitos humanos, em nível social, pretendem alcançar: *o bem comum*, que é sinal claro de nosso chamado divino à comunhão, tanto com o Criador quanto com os irmãos em sociedade (CDSI 108-110), desenvolvendo integralmente nossa própria humanidade (CDSI 164). Assim ensina o *Compêndio*:

A comunidade política persegue o bem comum atuando com vista à criação de um ambiente humano em que aos cidadãos seja oferecida a possibilidade de um real exercício dos direitos humanos e de

um pleno cumprimento dos respectivos deveres. [...] A plena realização do bem comum requer que a comunidade política desenvolva, no âmbito dos direitos humanos, uma ação dúplice e complementar, de defesa e promoção: “Evite-se que, através de preferências outorgadas a indivíduos ou grupos, se criem situações de privilégio. Nem se venha a instaurar o absurdo de, ao intentar a autoridade tutelar os direitos da pessoa, chegue a coarctá-los” (CDSI 389).

Essa compreensão, enfim, protege-nos contra a tentação do reducionismo da pessoa humana. Ou seja, a defesa da dignidade humana não está, de modo algum, a serviço de uma convivência com atitudes de egoísmo, mas também não se deixa levar pelo desespero diante daquelas pessoas que, por alguma razão, praticam atos indignos de sua humanidade. No lugar de um humanismo exclusivo, autorreferencial, reducionista, que explora os outros em nome do prazer particular e/ou grupal, é sempre posta à luz a verdade do humanismo integral, que reconhece as múltiplas dimensões da existência humana e a cada uma delas procura respeitar e efetivar na concretude da existência, sempre mantendo o foco da compreensão central do ser humano como *imago Dei*, isto é, como ser “à imagem de Deus”.

### Considerações finais

Importa reafirmar que os direitos humanos não são “coisas para bandidos” ou algo que deveria ser reconhecido somente para “humanos direitos”. É verdade que podem acontecer equivocadas e perigosas distorções do conceito e dos tipos de práticas defensoras dos direitos humanos, tanto por parte de grupos que se apresentam como seus arautos quanto por parte daqueles que emitem as críticas que abordamos brevemente na introdução e no desenvolvimento

## YOUCAT: Curso sobre a fé

Bernhard Meuser



184 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Explica a essência da fé católica em 26 capítulos divertidos e encoraja a reflexão e a discussão sobre a fé. O percurso pode ser feito de maneira individual, mas incentiva-se a formação de grupos de estudos.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

deste pequeno ensaio. Entretanto, é inequívoco o ensinamento social católico sobre o tema.

Ora, não se pode ignorar o fato de que, se existem pessoas em situações graves de comportamento indigno em nossa sociedade, talvez seja porque, primeira e provavelmente, essas pessoas tiveram sua dignidade ontológica sistematicamente desrespeitada por toda uma conjuntura histórico-social que insiste em não efetivar o respeito aos direitos humanos. Na verdade, a contento, quem de nós é um “humano direito”? Essa expressão não tem sentido antropológico-teológico que se sustente.

Os direitos humanos não são coisas para “humanos direitos”, mas sim a condição social de possibilidade de que nenhum ser humano sinta “necessidade” de enveredar por caminhos errados, ou seja, de cogitar trilhar caminhos indignos de sua humanidade. E sabemos que isso pode acontecer por falta ou dificuldade de acesso a muitos direitos fundamentais, tais como: trabalho digno; remuneração justa para a subsistência plena da própria família; cultura e educação de qualidade; conhecimento e experiência concreta/consciente da verdade sobre a própria natureza humana; informação completa e verdadeira; políticas públicas que promovam o bem comum e enfraqueçam as “estruturas de pecado”; liberdade religiosa e instituições que, plena e verdadeiramente, procurem responder aos anseios humanos mais profundos. Soma-se a tudo isso também a carência de uma economia verdadeiramente a serviço do ser humano; de leis que efetivamente promovam um contexto social mais justo, equitativo e favorável ao desenvolvimento pleno de todas as pessoas e da pessoa toda; de um ambiente propício para o pleno e responsável desenvolvimento e sustento de todos os seres vivos, entre tantas outras realidades que, pela sua completa falta ou escassez, ferem a dignidade e geram a indignação de tantos homens e mulheres.

A Doutrina Social da Igreja ressalta a necessidade de defender os direitos humanos, reconhecendo que sua fonte última está situada no próprio ser humano e em Deus criador (CDSI 153). Daí que se destacam as propriedades fundamentais dos direitos da pessoa: eles são *naturais* (exprimem a própria natureza humana e dela derivam), *universais* (pertencem a todo ser humano), *inalienáveis* (não são transferíveis nem concedidos por terceiros), *invioláveis* (não podem ser diminuídos e negados), *imprescritíveis* (não se perdem com o tempo), *irrenunciáveis* (não se perdem pelo simples fato de o sujeito deles abdicar). Além do mais,

[...] são *fundamentais*, porque neles se originam os vários direitos depois consignados na ordem jurídica dos Estados [...]. Em relação ao Estado, sublinhemos que os direitos humanos não são devidos nunca a qualquer benigna concessão por parte dele. O Estado deve, sim, reconhecê-los, mas não os cria [...], “contra eles não pode prevalecer nenhuma razão do Estado, nenhum pretexto do bem comum [...]”. Vê-se, pois, que, para a Igreja, são manifestamente errados os sistemas que fazem derivar os direitos do homem, não de uma necessidade natural, mas da vida em sociedade [sociologismo] (RODRIGUES, 2008, p. 44-46).

Em síntese, é nessa perspectiva teológico-antropológica que se pode compreender a relação entre a Doutrina Social da Igreja e os direitos humanos. Para a Igreja, “a dimensão teológica revela-se necessária para interpretar e resolver os problemas atuais da convivência humana” (*Centesimus Annus*, n. 55) e ambos, Doutrina Social da Igreja e direitos humanos, estão, cada um ao seu modo, empenhados no serviço à verdade plena sobre a humanidade, oferecendo sólidas contribuições “à questão do lugar do

homem na natureza e na sociedade” (CDSI 14). Portanto, “as motivações religiosas de tal empenho podem não ser compartilhadas, mas as convicções morais que dele decorrem constituem um ponto de encontro entre os cristãos e todos os homens de boa vontade” (CDSI 579). **vp**

## Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução: A. Bossi e Ivone C. Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Nuova redazione del n. 2267 del Catechismo della Chiesa Cattolica sulla pena di morte*. Disponível em: <http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/08/02/0556/01209.html#PORTPAPA>. Acesso em: 4 out. 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. *Centesimus Annus: Carta Encíclica no centenário da Rerum Novarum*. São Paulo: Loyola, 1991.

MARITAIN, Jacques. *Os direitos do homem e a lei natural*. Tradução: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

MESSIAS, Elvis Rezende. Redescobrir a doutrina social da Igreja hoje: contribuições fundamentais a partir da *Pacem in Terris*. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 31-67, jan.-abr. 2021.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI). Tradução: CNBB. São Paulo: Paulinas, 2011.

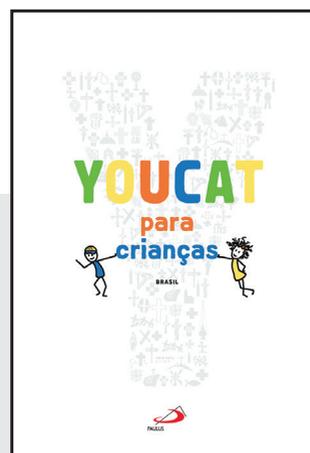
RODRIGUES, António dos Reis. *Pessoa, sociedade e Estado*. Estoril: Principia, 2008.

SORGE, Bartolomeo. *Breve curso de Doutrina Social*. Tradução: Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2018. (Fé e justiça).

VIEIRA, Domingos Lourenço Vieira. *Doutrina Social da Igreja: introdução à ética social*. Lisboa: Paulus, 2013.

## YOUCAT para crianças

*Katholischer Katechismus Fur Kinder Und*



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

*Youcat para crianças* é um livro inspirador que facilita aos pequenos (de 8 a 12 anos) a compreensão dos ensinamentos da Igreja católica. Foi testado por vários anos na prática e aprovado pela Congregação para a Doutrina da Fé em Roma.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade é graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje-MG), onde também cursou mestrado e doutorado. Atualmente, leciona na Universidade Católica de Pernambuco e na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. Escreveu *Palavra viva e eficaz*, pela Paulus. E-mail: aylanj@gmail.com

# O Evangelho de Mateus

*na dinâmica do ano litúrgico – ciclo A*



*A proclamação do Evangelho na liturgia tem por objetivo fazer que a Palavra de Deus possa ecoar na vida de cada pessoa que celebra e estabelecer um ritmo próprio em seu pensamento e sentimento e nas diversas dimensões da sua existência. Dessa forma, dá condições para que os membros da assembleia litúrgica possam viver em conformidade com a Palavra proclamada. Ao entrarmos no Ano Litúrgico A, faz sentido apontar alguns temas-chave, abordagens literárias e singularidades do Evangelho de Mateus. Por isso, este artigo tem por objetivo oferecer algumas chaves de interpretação desse Evangelho, para que as pessoas que fazem parte das assembleias litúrgicas tenham, na própria vida, um bom aproveitamento das passagens a serem proclamadas, domingo a domingo, no ciclo A do Lecionário.*

## INTRODUÇÃO

Com seus ritmos anuais e textos cuidadosamente selecionados, o ano litúrgico tem suas raízes ancoradas na liturgia do antigo Israel e da Igreja primitiva. A celebração semanal da Páscoa no dia do Senhor marcou a primeira etapa no desenvolvimento do que veio a se tornar o ano litúrgico. A partir daí, eventos marcantes da vida de Jesus começaram a ser incorporados mediante textos bíblicos específicos que estimularam e moldaram a memória das primeiras comunidades. No decorrer da história, o ciclo único expandiu-se para um ciclo de três anos, sendo cada ano vinculado a um dos Evangelhos sinóticos: Ano A com Mateus, Ano B com Marcos e Ano C com Lucas. Seguir o lecionário do Ano A proporciona à assembleia litúrgica ouvir a história de Jesus conforme Mateus, desde o nascimento até a morte e a ressurreição, em breves lições ao longo de mais de cinquenta semanas.

O Evangelho de Mateus abre o Novo Testamento, mas não foi o primeiro a ser redigido. É um texto bem escrito e organizado de forma a auxiliar a memorização em uma cultura predominantemente oral, como prevaleceu nos primeiros séculos da era cristã. As razões da popularidade desse Evangelho na Igreja têm a ver com o fato de ter sido muito utilizado na formação cristã (catequese) e se tornado um tipo de manual, no qual as primeiras comunidades encontravam orientação segura para sua vida e missão no mundo.

A catequese, ao longo da história, fez uso extensivo do Evangelho de Mateus, o qual ganhou a reputação de ser “o Evangelho do catequista”. Isso se deu por diversas razões, especialmente pela apresentação da nova vida anunciada por Cristo no Sermão da montanha (Mt 5-7) e pelo “sermão eclesial”, no qual se enfatiza a humildade e a misericórdia como marcas da liderança cristã autêntica e do serviço ao próximo (18,1-35). Também



*“A celebração semanal da Páscoa no dia do Senhor marcou a primeira etapa no desenvolvimento do que veio a se tornar o ano litúrgico.”*

porque nesse Evangelho encontramos ensinamentos sobre oração (6,5-15), celibato (19,12), casamento (19,1-9), crianças (19,13-15) e a importância de praticar os mandamentos (19,16-19). O núcleo da formação cristã envolvia configurar a própria vida a Jesus, “manso e humilde de coração” (11,29), sendo o caminho do discípulo concebido como tornar-se semelhante ao Mestre. Esse Evangelho é chamado de “livro da Igreja”, porque parece refletir, mais claramente do que os outros Evangelhos, sobre temas relacionados a liderança, organização, autoridade e ordem dentro da estrutura e da vida eclesial.

Mateus oferece uma imagem de Jesus mestre realizando seu ministério público de forma alternada entre atos poderosos (curas, milagres e exorcismos) e discursos memoráveis. O autor bíblico também destaca a relação entre a Antiga e a Nova Aliança, fornecendo às primeiras comunidades cristãs instruções sobre o que significava viver como povo de Deus e em que isso se diferenciava de viver conforme as tradições legais e litúrgicas de Israel. Finalmente, Mateus insiste que as boas-novas são destinadas à proclamação não apenas entre o povo judeu, mas também a toda a humanidade. Esse Evangelho é resultado e testemunho notável do senhorio universal de Jesus, que permanece com seu povo, Israel, restaurado e renovado, e com as pessoas dos demais povos, juntos fazendo parte da mesma comunidade.

É útil, então, ter em mente os cinco temas que são a coluna vertebral de Mateus, enquanto as passagens destacadas pela liturgia vão sendo proclamadas ao longo do Ano A. Esses cinco temas dão a tônica a cada passagem proclamada.

## **1. JESUS MESTRE E O SERMÃO DA MONTANHA (Mt 5-7)**

O Evangelho de Mateus começa com uma genealogia, que vai de Abraão a Davi e aos acontecimentos que cercam o nascimento de Jesus até a fixação de sua morada em Nazaré. A narrativa sobre o ministério do Messias começa com o batismo no Jordão e a vinda do Espírito Santo sobre Jesus, seguida das tentações no deserto. O ministério inicial de Jesus na Galileia, por palavras e ações, fez sua fama se espalhar, o que levou ao Sermão da montanha, o primeiro dos discursos. O sermão apresenta a ética do Reino que Jesus veio instaurar.

As bem-aventuranças, que introduzem o Sermão da montanha (5,3-12), foram primeiramente vividas de forma paradigmática pelo próprio Cristo. Quem ler atentamente o texto de Mateus perceberá que as bem-aventuranças apresentam uma espécie de retrato da figura interior de Jesus, uma espécie de “biografia” velada. Aquele que não tem onde reclinar a cabeça (8,20) é verdadeiramente pobre; aquele que pode dizer: “Vinde a mim, que sou manso e humilde de coração” (11,28-29) é verdadeiramente manso e puro de coração. Ele é o pacificador, é aquele que sofre por amor e nunca revida a violência.

As bem-aventuranças revelam o mistério do próprio Cristo e nos chamam à comunhão com ele. Precisamente por seu caráter cristológico oculto, são direcionamentos para o discipulado, um roteiro para a Igreja, que reconhece nelas o modelo do que ela mesma deve ser. O Sermão da montanha conclui-se com a multidão maravilhada diante do ensinamento novo. “Enquanto projeto de

vida, consistem na prática da misericórdia para com os mais fragilizados. As bem-aventuranças, afinal, se concretizam no serviço a Jesus encarnado nos ‘irmãos mais pequenos’. A catequese mateana tem em vista formar discípulos-apóstolos bem-aventurados!” (VITÓRIO, 2019, p. 60).

Ao serem proclamadas as passagens do Evangelho de Mateus ao longo do Ano A, não se deve esquecer desse propósito mateano, expresso no início do ministério público de Jesus.

## **2. JESUS MESTRE E O REINO REVELADO AO POVO DE DEUS (Mt 10)**

Após o Sermão da montanha, temos o chamado e o envio dos doze. Eles devem proclamar o Evangelho e realizar curas e exorcismos nas cidades dos judeus.

A busca das “ovelhas perdidas da casa de Israel” será o ponto de partida, de forma a manter o “privilégio” de Israel na oferta da salvação. Porém, com a recusa da “casa de Israel” (cf. Mt 27,25) de acolher o Messias Jesus, os discípulos-apóstolos irão em busca dos gentios e dos samaritanos, de toda a humanidade (cf. Mt 28,19) (VITÓRIO, 2019, p. 110)

O restante de Mt 10 consiste nas instruções sobre a necessidade de os evangelizadores procederem de acordo com o que proclamam. Essas instruções, dadas aos doze, são conhecidas como “discurso missionário”. Os missionários não devem ganhar dinheiro nem levá-lo consigo, devem ter apenas o necessário para sua tarefa. O v. 10 proíbe um par extra de sandálias e o cajado; isso significa que devem viver de forma simples, à semelhança de Jesus (10,9-10).

São orientados a serem cautelosos com a oposição que podem receber durante a missão, mas não devem ter medo, pois serão inspirados sobre o que deverão dizer para se

defenderem. Nesse sentido, aderir ao projeto de Jesus traz uma divisão social tão séria, que até pode romper os laços familiares mais próximos.

“O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor” (10,24): isso significa que, quanto mais semelhantes a Cristo (10,25), maiores são as possibilidades de receber hostilidades no exercício da missão. Apesar da possível oposição, os doze estarão constantemente sob o cuidado providencial do Pai celestial (10,29-31).

## **3. JESUS MESTRE E O MISTÉRIO REVELADO EM PARÁBOLAS (Mt 13)**

A atividade mais proeminente de Jesus, no Evangelho de Mateus, é ensinar. Para a comunidade de Mateus, Jesus é o Senhor ressuscitado, cujos ensinamentos medeiam a presença de Deus. Para Mateus, Jesus é Mestre precisamente como Senhor da Igreja. Jesus é um exímio contador de parábolas, as quais são o recurso pedagógico mais eficiente para ensinar a Igreja. As parábolas constituem o coração da pregação de Jesus e refletem “exatamente, e com especial nitidez, a Boa-nova de Jesus, o cunho escatológico da sua pregação, a seriedade do seu apelo à conversão, bem como o seu conflito com o farisaísmo” (JEREMIAS, 2020, p. 7).

Em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o papa Francisco realizou, no capítulo 3, a análise de cada bem-aventurança do Evangelho de Mateus, afirmando que nas bem-aventuranças “está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia a dia da nossa vida” (GE 15).

Durante o ano litúrgico, ao serem proclamadas as passagens do Evangelho de Mateus, não podemos esquecer que as parábolas são ensinamentos que visam transformar nossa maneira de ver a vida e de viver como seguidores e sempre aprendizes do mestre Jesus.

#### 4. JESUS MESTRE E OS DISCÍPULOS-MISSIONÁRIOS

Em Mateus 18, podemos discernir questões e lutas presentes nas primeiras comunidades cristãs às quais Mateus estava escrevendo: lutas pelo poder (v. 1-4); comportamento escandaloso (v. 5-10); a necessidade de trazer de volta as pessoas que haviam se afastado da comunidade (v. 12-14); e, sobretudo, a necessidade de perdão, sem o qual nenhuma comunidade pode durar muito tempo (v. 21-35). O foco dos v. 15-20 é a delicada questão de exortar aqueles que precisam de correção (18,15-20).

O texto de Mt 18 é chamado de discurso eclesial, ou seja, sobre a Igreja. O tema central do discurso é a comunidade de seguidores e o papel da liderança em conduzi-la. Mateus se esforça para afirmar a autoridade da Igreja como árbitro final quando as questões não podem ser resolvidas entre indivíduos (v. 18-20), passagem frequentemente usada para sustentar a autoridade da liderança e a presença contínua de Jesus no apoio à Igreja ao longo da história.

No entanto, o exercício da liderança na Igreja deve ser do mesmo modo como o mestre Jesus liderou seus discípulos. O discurso enfatiza a importância da humildade como uma das maiores virtudes dentro da comunidade. Ensina que, no Reino dos Céus, é ter a humildade das crianças o que importa, não a proeminência social nem a influência de alguns sobre os outros.

#### 5. JESUS MESTRE E O FIM DOS TEMPOS

Em Mt 23, Jesus denuncia os escribas e fariseus e exprime um lamento sobre Jerusalém, que mata os profetas (v. 37-39). Em

seguida, Jesus menciona a destruição do templo e dá aos seus discípulos os sinais sobre o fim dos tempos, no discurso escatológico de Mt 24. Foi em meio a esse discurso que os discípulos ficaram muito confusos e perguntaram: 1) Quando essas coisas aconteceriam?; 2) Qual o sinal da segunda vinda de Jesus e do fim dos tempos? (Mt 24,3).

Jesus respondeu, a partir de Mt 24,4, elencando os sinais que virão antes do fim: falsos messias, guerras, fomes, terremotos, perseguições, falsos profetas, iniquidade, falta de perseverança na fé, bem como a pregação do Evangelho a todo o mundo (24,4-14). A seção imediatamente posterior concentra-se na destruição de Jerusalém (v. 15-20). Na seção seguinte, 24,21-39, Jesus enfoca o tema da segunda vinda do Filho do Homem. Na última seção do discurso, 24,40-25,46, ele convida seus discípulos a estarem sempre preparados e vigilantes (ANDRADE, 2012, p. 77-79).

O texto de Mt 25,35-36: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” não pode ser separado das bem-aventuranças de Mt 5. Há um elenco de sofrimentos e necessidades humanas bem elaborado em Mt 25 (fome, sede, nudez, doença e prisão: 25,35-36) que pode ser encontrado nas bem-aventuranças, as quais fornecem um catálogo semelhante (pobreza, luto, fome, sede, perseguição: 5,3-11). No monte das bem-aventuranças, Jesus falava diretamente aos seus discípulos, instruindo-os nos mistérios do Reino e dirigindo uma promessa de felicidade aos

*“Mateus insiste que as boas-novas são destinadas à proclamação não apenas entre o povo judeu, mas também a toda a humanidade.”*



que quiserem sofrer e ser perseguidos por causa dele e da justiça: “Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus” (5,12).

Na perspectiva de sua segunda vinda, à vista de “todas as nações”, Jesus ressuscitado aponta para aqueles que realmente viveram as bem-aventuranças como ele as ensinou e que assim se identificaram completamente com sua forma de pensar.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papa Francisco sempre enfatizou uma missiologia e uma evangelização globais convincentes, baseadas nas obras de misericórdia espirituais e corporais e na unidade intrínseca entre Mt 5 e Mt 25. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o papa escreve que

Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-se especialmente com os mais pequeninos (cf. Mt 25,40). Isso recorda a todos os cristãos que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da terra (EG 209) [...] e é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem-abrigo,

os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados etc. (EG 210).

No que tange à evangelização do mundo inteiro, Jesus não somente dá o exemplo, na forma como acolhe a todas as pessoas, mas também, já ressuscitado, dá uma orientação final aos discípulos: “Ide, portanto, e fazei discípulos dentre todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (28,19). É esse o significado de os discípulos serem “o sal da terra” (5,13) e “a luz do mundo” (5,14).

O papa Francisco destaca que “toda a evangelização está fundada sobre essa Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização” (EG 174), e o maior incentivo para a evangelização é contemplar o Evangelho “com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração” (EG 264).

O Evangelho de Mateus nos ensina a ler e ponderar as Escrituras tendo como referência Jesus, pois o evangelista reconhece que nossa compreensão de Deus e de seus caminhos é profundamente enriquecida pela descoberta da unidade do plano do Pai, conforme se desenrolam, nas páginas das Escrituras, o Antigo e o Novo Testamentos. **vp**

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. L. P. *Eis que faço novas todas as coisas*: teologia apocalíptica. São Paulo: Paulinas, 2012.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*: revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exultate*: Exortação Apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual (GE). São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulus, 2019.

VITÓRIO, J. *Lendo o Evangelho segundo Mateus*: o caminho do discipulado do Reino. São Paulo: Paulus, 2019. *E-book*.

Altirez dos Santos\*



\*Altirez dos Santos é consultor de catequese da Paulus; doutor e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; especialista em Catequese pela Universidade Salesiana de São Paulo. Graduado em História pela Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal e especialista em Docência ao Ensino Superior pela Universidade Católica Dom Bosco.  
E-mail: [consultor.catequese@paulus.com.br](mailto:consultor.catequese@paulus.com.br)

# YOUCAT

A COLEÇÃO QUE ATRAIU OS  
JOVENS PARA O CATECISMO DA  
**IGREJA CATÓLICA**



*A sociedade contemporânea tem, como uma de suas marcas, a diminuição das práticas religiosas e, portanto, da adesão a uma fé. A Igreja acompanha com interesse esse processo e identificou que muitos foram os fatores para o afastamento de grupos inteiros. Um desses grupos mais expressivos é o dos jovens – a faixa etária que se subdivide nos grupos de 11 a 18 anos (adolescência) e de 19 a 34 anos (juventude) –, e dois grandes motivos desse afastamento são o desconhecimento da doutrina católica e a percepção de que a fé é irrelevante na atualidade. O Youcat surge nesse contexto como um instrumento para responder a tais dificuldades diretamente aos mais interessados: os jovens.*



“O YOUCAT CONQUISTOU RAPIDAMENTE O PÚBLICO EM TERMOS DE AFETO, POIS LEVOU AO DESCOBRIMENTO DE UMA DOCTRINA QUE FAZ SENTIDO NO TEMPO PRESENTE.”

## INTRODUÇÃO

Mais que uma simples versão do *Catecismo da Igreja Católica*: assim pode ser definido o *Youcat*, *catecismo jovem da Igreja Católica*. Sua história nos ajuda a entender como ele põe em sintonia o desejo da Igreja de falar uma linguagem que atinja os mais jovens e o desejo dos mais jovens de encontrar alguns rastros do sagrado na sociedade tecnológica atual. Conheçamos um pouco da história desses livros que abriram as portas da Igreja para tantas pessoas diferentes e pertencentes a geografias distintas.

Após longa procura por conteúdos que comunicassem a essência do *Catecismo da Igreja Católica*, uma sucessão de fatores favoráveis culminou no que é a Coleção *Youcat* atualmente.

A ideia original surgiu na Áustria, quando, no lançamento do *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, em setembro de 2006, uma mãe questionou o cardeal de Viena, dom Christoph Schönborn, dizendo que aquele livro era inútil para explicar a fé aos seus filhos e que estava decepcionada. O editor do compêndio na versão austríaca, Bernhard Meuser, e o cardeal se desculparam com ela e reconheceram a grave lacuna. Tempos depois, um grupo foi reunido em torno desse editor e deram início a um longo trabalho, com a participação ativa e criativa de numerosos jovens de múltiplas nacionalidades. Em 2010, era lançado o *Youcat*.

A ideia deu tão certo, que, a partir de um livro, se organizou uma estrutura com vinculações em todo o mundo católico

(e não católico também, isto é, em terras de missão), articulando-se em rede com organismos do Vaticano, como a Pontifícia Comissão Bíblica, jovens missionários de todos os continentes, teólogos, educadores da juventude, catequistas, consagrados, sacerdotes e, acima de tudo, muitos dons, talentos e criatividade. Na Alemanha fica a sede da Fundação *Youcat*, que é o centro dinamizador dos trabalhos em torno da missão de levar o conhecimento da doutrina ao maior número de jovens possível.

O *Youcat* conquistou rapidamente o público em termos de afeto, pois levou ao descobrimento de uma doutrina que faz sentido no tempo presente e – mais importante – dá sentido à vida. O catolicismo mostrado pelas páginas de cada livro da coleção é uma religião viva, pulsante, revolucionária, como é o desejo das novas gerações, mas preserva seu patrimônio multimilenar e é fiel a ele. Ademais, o *Youcat* comunica tudo isso com um dado que não dominamos completamente: nossa cultura é marcada pela visualidade. Somos seres de imagem. Ao unir o elemento visual em sua comunicação, o *Youcat* também se conectou aos jovens que há tempos utilizam elementos como a imagem, o corpo, a expressão artística e a inovação em suas intervenções nas mídias. Ele conseguiu lisonjear os jovens católicos com uma comunicação que não apenas está atendida com o tempo atual, como também parece antecipar-se a ele. Há uma aura em torno desse conceito, como poderia conceituar a sociologia.

Por isso, o *Youcat* é um recurso, em conexão direta com a realidade atual, que confere senso de pertença e ligação com um passado imemorial diante de um mundo cada vez mais fragmentado.

Todo o cuidado que revestiu a criação da Coleção *Youcat* contou com o impulso pessoal dos pontífices – primeiro Bento XVI, depois Francisco –, que assinaram pessoalmente os livros. A tendência é que o projeto continue sendo um instrumento de evangelização a ser levado em conta pelas décadas seguintes, já que continua existindo uma lacuna entre a vida eclesial e a juventude.

### 1. POR QUE UM “BEST-SELLER” CATÓLICO?

Nos últimos quatro anos, o *Youcat* se tornou um grande *best-seller* na literatura católica. Foi publicado em cinquenta países, com 32 traduções e mais de cinco milhões de exemplares. Foi disponibilizado em alemão, inglês, francês, indonésio, italiano, croata, lituano, holandês, polonês, português, eslovaco, esloveno, espanhol, tcheco, japonês, chinês, búlgaro, russo, árabe, coreano, catalão, sorábio, romeno, húngaro, dinamarquês, norueguês.

Sobre esse enorme sucesso do livro, uma das autoras, Michaela Heereman, teóloga e jornalista, relatou que o cardeal de Viena, Christoph Schönborn, e o editor alemão Bernhard Meuser estavam pensando em escrever um livro, um catecismo para os jovens, por terem encontrado dificuldades em encontrar jovens interessados e capazes de ler o *Catecismo da Igreja Católica*. Era preciso explicar o que eles não entendiam e responder às suas questões existenciais. Em dois verões seguidos (2006 e 2007), foram feitas reuniões com os jovens, com duração diária de seis a oito horas, durante

uma semana. Eles tinham entre 15 e 25 anos de idade. Essa equipe partilhava os textos do *Catecismo da Igreja Católica*, refletia sobre eles, e os jovens iam apresentando suas perguntas, para que fossem respondidas numa linguagem que lhes fosse acessível. Assim foram aqueles dois silenciosos anos de elaboração do *Youcat*, um “catecismo jovem”, que inicialmente seria apenas de Viena e de algumas dioceses da Alemanha. Não havia a ideia de que Deus desejava ir mais longe.

No final, o professor Manfred Lutz apresentou o texto a três cardeais. Uma coisa levou a outra. Deus conduzia todo o processo, de modo que o projeto foi finalmente parar nas mãos do papa Bento XVI. Ele ficou encantado, porque encontrava ali a resposta que buscava desde o pontificado de São João Paulo II, quando era então responsável pela elaboração do *Catecismo da Igreja Católica*. Ele a buscava no silêncio da sua oração. A resposta veio e o encantamento foi tão grande, que, nas suas férias de 2009, em Castel Gandolfo, Bento XVI prometeu escrever o prefácio e assim o fez, deixando o que hoje é chamado de “carta magna” do *Youcat*. Depois, quando o livro lhe foi apresentado oficialmente, em maio de 2010, ele pediu que os jovens peregrinos ganhassem de presente um exemplar na Jornada Mundial da Juventude de Madri, em 2011. A Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre prontamente o atendeu e financiou setecentos mil exemplares.

Sobre os direitos autorais e as traduções do livro, hoje tudo é de responsabilidade da Fundação *Youcat*, cuja sede fica na Alemanha. De lá seus idealizadores buscam fazer do livro um pequeno serviço à Igreja na sua grande necessidade de “nova evangelização”. Para tanto, contam com a ajuda, em cada país, de um bispo ou de uma equipe local, que assume a responsabilidade pela tradução. Os quatro autores decidiram não receber seus

<sup>1</sup> Cf. <https://jovensconectados.org.br/youcat-um-best-seller-catolico-50-paises-28-traducoes-e-mais-de-4-milhoes-de-exemplares.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

direitos autorais, a fim de colaborarem no financiamento dos projetos da Fundação *Youcat*. O *Youcat* tem um *design* e um título universais. O conteúdo e a ilustração gráfica são protegidos pelos direitos de autoria. Quando precisa ser traduzido, cada língua tem sua própria tradução e adequação gráfica com base no documento original em alemão. São necessárias, contudo, a adaptação e a revisão de um bispo local, como foi proposto pelo Vaticano.

Como livro, o ponto forte do *Youcat* e de todos os demais livros dessa coleção é revelar aos jovens que a fé da Igreja é razoável. Hoje vemos que, em diferentes lugares do mundo, muitos estão fascinados ao ver que crer e ser inteligente não são coisas opostas! Ao contrário, fazem-nos mais belos, garantem-nos o céu. As reedições futuras da Coleção *Youcat* levarão em conta as questões que surgem com maior frequência na atualidade, para continuar a falar aos jovens sobre o que está acontecendo agora.

O *Youcat* é um garimpo que esconde esse imenso tesouro. Vale a pena lançar-nos nessa aventura de descobertas da riqueza da nossa fé. A cada contato que os jovens têm com esse catecismo, cumpre-se o que o papa emérito Bento XVI nos disse no prefácio: “este livro é cativante, porque fala do nosso próprio destino, pelo que está profundamente próximo de cada um de nós”. E, porque nos cativou, sentimo-nos “eternamente responsáveis” para que ele também seja conhecido e manuseado por outros.

“COMO LIVRO, O PONTO FORTE DO YOUCAT E DE TODOS OS DEMAIS LIVROS DESSA COLEÇÃO É REVELAR AOS JOVENS QUE A FÉ DA IGREJA É RAZOÁVEL.”

## 2. BÍBLIA JOVEM<sup>2</sup>

Com a intenção de aproximar os jovens da Bíblia, foi apresentada recentemente uma versão do *Youcat* dedicada ao estudo da Sagrada Escritura.

Idealizada pela Fundação *Youcat*, a *Bíblia jovem* é uma coletânea de trechos significativos que ajudam o jovem a se inspirar na Palavra de Deus. Cada livro bíblico é precedido por breve introdução que contextualiza o texto.

Esse livro da Coleção *Youcat* foi preparado, durante três anos, por uma equipe de biblistas, doutores em Sagrada Escritura, membros da Comissão Teológica Internacional da Santa Sé e professores do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Oferece exegese e comentários sobre alguns dos textos da Bíblia, numa linguagem próxima aos jovens, e segue a mesma linha do *Youcat*, trazendo imagens da Terra Santa, fotos de paisagens bíblicas, indicações para o catecismo e *Youcat*, frases de santos e de grandes pensadores, as perguntas dos jovens e, é claro, as famosas figurinhas ao pé da página! O *Youcat Bíblia* foi publicado em 2015 em alemão e já se encontra publicado em dezenas de idiomas.

No prefácio, o papa Francisco convida todos os jovens a perseverar na leitura diária da Sagrada Escritura, para que ela não permaneça relegada a mero enfeite numa estante. O papa oferece várias sugestões aos jovens sobre como usá-la e, ao mesmo tempo, confia-nos como lê sua “velha Bíblia”:

Meus queridos Jovens Amigos,  
Se vocês vissem minha Bíblia, talvez vocês não ficariam de modo algum tocados. Diriam: “O quê? Esta é a Bíblia do papa? Um livro assim tão velho, tão usado?” Poderiam também me presentear com uma nova, quem sabe uma de 1.000 euros: não, não gostaria. Amo minha velha Bíblia, aquela

<sup>2</sup> Cf. <https://jovensconectados.org.br/youcat-biblia-a-biblia-jovem-da-igreja-catolica.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

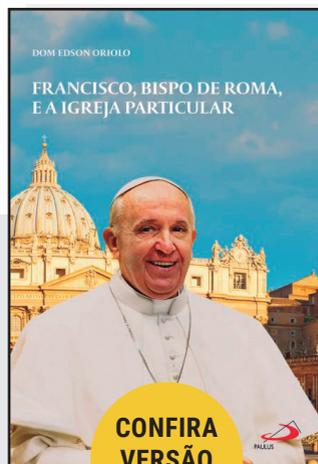
que me acompanhou metade da minha vida. Viu minhas alegrias, foi banhada pelas minhas lágrimas: é meu inestimável tesouro. Vivo dela e por nada no mundo eu faria menos dela. [...] Quero dizer uma coisa a vocês: hoje, mais do que no início da Igreja, os cristãos são perseguidos; por qual razão? São perseguidos porque usam uma cruz e dão testemunho de Cristo; são condenados porque possuem uma Bíblia. Evidentemente a Bíblia é um livro extremamente perigoso, que causa tanto risco que, em certos países, quem possui uma Bíblia é tratado como se escondesse no armário uma bomba! Mahatma Gandhi, que não era cristão, uma vez disse: “A vocês, cristãos, é confiado um texto que tem em si uma quantidade de dinamite suficiente para fazer explodir em mil pedaços a civilização inteira, para colocar de cabeça para baixo o mundo e levar a paz a um planeta devastado pela guerra. Mas a tratam, porém, como se fosse simplesmente uma obra literária, nada além disso”.

[...] Acolhamos o tesouro sublime da Palavra revelada! Vocês têm nas mãos, portanto, algo de divino: um livro como fogo, um livro no qual Deus fala. Por isso, recordem-se: a Bíblia não foi feita para ser colocada em uma prateleira, mas para ser levada nas mãos, para ser lida frequentemente, a cada dia, quer sozinhos quer acompanhados. Além disso, acompanhados vocês praticam esporte, vão ao *shopping*; por que então não ler juntos, em dois, em três ou em quatro a Bíblia? Quem sabe ao ar livre, mergulhados na natureza, no bosque, na beira do mar, de noite, à luz de velas... Vocês fariam uma experiência forte e envolvente. Ou, quem sabe, vocês têm medo de parecerem ridículos diante dos outros?

Leiam com atenção. Não permaneçam na superfície, como se faz com histórias em quadrinhos! A Palavra de Deus não pode ser lida com um passar de olhos! Antes,

## Francisco, bispo de Roma, e a Igreja particular

Dom Edson Oriolo



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro é fruto da preocupação do autor, bispo da diocese de Leopoldina-MG, em entender a Igreja como continuadora da missão de Jesus Cristo e tem como objetivo principal despertar a reflexão sobre a importância da relação entre o bispo de Roma e as Igrejas particulares.

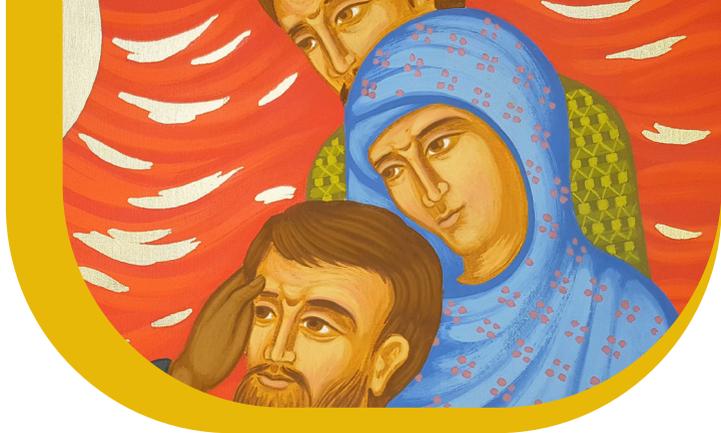


Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

“TRANSFORMAR A SOCIEDADE COM A FORÇA DO EVANGELHO SEMPRE FOI UM DESAFIO PARA OS CRISTÃOS AO LONGO DA HISTÓRIA, SOBRETUDO AOS JOVENS.”



perguntem-se: “O que diz este texto ao meu coração? Por meio desta palavra, Deus está me falando? Talvez esteja suscitando anseios, minha sede profunda? O que devo fazer?” Somente assim a Palavra de Deus poderá mostrar toda a sua força; somente assim nossa vida poderá transformar-se, tornando-se plena e bela. Quero confidenciar a vocês como leio minha velha Bíblia. Frequentemente a pego, a leio um pouco, depois a deixo de lado e me deixo olhar pelo Senhor. Não sou eu que olho para ele, mas ele é que olha para mim: Deus está realmente ali, presente. Assim me deixo observar por ele e escuto – e não é um certo sentimentalismo –, percebo, no mais profundo de meu ser, aquilo que o Senhor me diz. Às vezes não fala: e então não ouço nada, somente vazio, vazio, vazio... Mas, paciente, permaneço lá e o espero assim, lendo e rezando. Rezo sentado, porque me faz mal ficar de joelhos. Às vezes, rezando, até mesmo adormeço, mas não tem problema: sou como um filho próximo ao seu pai, e isso é o que conta. Vocês querem me deixar feliz? Leiam a Bíblia! (Papa Francisco, prefácio da *Bíblia jovem*).

### 3. DOCAT – DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA<sup>3</sup>

Transformar a sociedade com a força do Evangelho sempre foi um desafio para os cristãos ao longo da história, sobretudo aos jovens, que muitas vezes se encontram submersos em uma cultura e em valores

contrários à nossa fé. O *Docat* é uma tradução popular da Doutrina Social da Igreja católica, tal como foi desenvolvida em importantes documentos, desde o papa Leão XIII até a atualidade. Trata-se de uma adaptação ilustrada do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, com uma linguagem dialógica baseada em perguntas e respostas. O livro é um pequeno manual dos ensinamentos sociais da Igreja: *DO* vem do verbo “fazer”, em inglês, enquanto *CAT* vem de “catecismo”. Esse livro traz assuntos como amor, família, sociedade, o trabalho humano, a pessoa humana, os princípios da Doutrina Social etc. Apresenta ainda um desafio do papa Francisco, que sonha ver os jovens cristãos transformar o mundo por meio da ação social e política, com critérios enraizados nos ensinamentos do Evangelho: “Hoje vos convido a conhecer realmente a Doutrina Social da Igreja [...]. Eu espero que um milhão de jovens, mais ainda, que *uma geração* inteira, seja para seus contemporâneos uma Doutrina Social em movimento”.

Atualmente vivemos em uma sociedade que deixou de lado o amor ao próximo e a caridade para dar espaço à violência e à vingança. Entretanto, a vocação humana é amar. O amor corresponde à mais profunda essência do ser humano: ser amado e dar amor. O amor é a regra de ouro que faz que estejamos abertos às necessidades do próximo. Portanto, exercite o amor ao próximo e ponha-o em prática. Siga o exemplo maravilhoso de Jesus, que doou a vida para a remissão dos nossos pecados: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12).

<sup>3</sup> Cf. <https://soucatequista.com.br/docat-como-agir.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

## 4. AS DEMAIS OBRAS DA COLEÇÃO

### 4.1. *Youcat* – Preparação para a crisma

Em muitas comunidades, o sacramento da crisma não é o início de uma relação dos jovens com a Igreja, mas o fim. Pensando nisso, Bernhard Meuser e Nils Baer elaboraram o *Youcat – curso para a crisma*. Consiste em dois livros: um manual para os catequistas e um livro de estudo para os crismandos. São organizados em doze capítulos, que podem ser subdivididos em várias sessões de preparação para a crisma, conforme o tempo disponível. Contêm também várias sugestões de atividades, para diferentes níveis, que o formador pode escolher conforme seu grupo.

### 4.2. *Youcat* – Confissão

Este livro foi preparado para ser um auxílio para o sacramento da reconciliação. Por isso, sob o título original *Confissão – Sim, eu posso!*, Rudolf Dinxbummz, um dos colaboradores da obra, diz-nos que, “para aqueles que ainda precisam de um pequeno empurrão, o livro tenta, com explicações breves e concisas, mas também de forma descontraída e divertida, descrever o caminho de volta para Deus por meio da confissão”.

### 4.3. *Youcat* – Orações para os jovens

Apresenta uma seleção de orações para os jovens. Os organizadores, Georg von Lengerke (padre e professor da Ordem de Malta) e Dörte Schrömges (pedagoga social), explicam que

este livro deverá ser uma ajuda para o caminho de oração de amizade com Deus. Estão aqui compiladas orações antigas e novas. Temos nele orações da Sagrada Escritura, de pessoas tementes a Deus cujo nome ficou na história e de pessoas da atualidade. A obra divide-se

em duas partes: a primeira consiste em um ritmo de oração, tendo orações para rezar pela manhã e para rezar à noite para cada dia, durante duas semanas. Os dias da primeira semana são sobre temas da nossa vida com Deus, os da segunda semana sobre temas da vida de Deus conosco. A segunda parte é uma compilação de orações sobre vários temas e adequadas a várias intenções.

### 4.4. *Youcat* – Curso sobre a fé

O *Youcat – Curso sobre a fé* explica a essência da fé católica em 26 capítulos divertidos e encoraja a reflexão e a discussão sobre a fé. Ele complementa o *Youcat*, mas também pode ser lido sem seu “irmão mais velho”. Oferece respostas profundas às perguntas mais interessantes e centrais da fé, desde “Por que há sofrimento?” até “Por que os cristãos são batizados?” e “Como Jesus nos ensina a rezar?” Os pontos centrais da fé são tratados nesse volume de forma a despertar o interesse de “todos os que anseiam pela beleza e luminosidade do Evangelho”. O percurso pode ser feito sozinho, mas incentiva-se a formação de grupos de estudos.

### 4.5. *Youcat* para crianças (catecismo para pais e crianças)

O *Youcat para crianças* é inspirador e facilita às crianças entre 8 e 12 anos de idade a compreensão dos ensinamentos da Igreja católica. Desenhos alegres as encorajam a explorar e fazer perguntas. Isso abre uma conversa emocionante com as crianças sobre Jesus, os sacramentos, a oração etc. Além disso, há informações básicas e interessantes para os pais e professores sobre as questões abordadas. O livro foi testado por vários anos na prática, aprovado pela Congregação para a Doutrina da Fé e oficialmente publicado pela Conferência Episcopal Austríaca. Há também referências contínuas ao *Youcat*, no qual se encontram informações mais detalhadas. **vp**

# ROTEIROS HOMILÉTICOS

Celso Loraschi\*



Acesse também o programa Palavra Viva pelo QR code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR  que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

2º DOMINGO DA QUARESMA

5 de março



## Transfiguração: a vida que triunfa sobre a morte

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Seguir a Deus é assumir atitude de permanente êxodo. Abraão, nosso pai na fé, foi chamado por Deus a pôr-se a caminho para a Terra Prometida. Foi provocado a deixar as seguranças para entrar na dinâmica do plano de amor de Deus, visando a uma “terra sem males”, uma sociedade de justiça e paz. Obedecendo ao chamado divino, Abraão e sua família tornaram-se portadores da bênção divina para todo o povo (I leitura). O cristão, continuamente, corre o risco de equivocar-se a respeito de Jesus e de sua proposta. Como Pedro no episódio da transfiguração, tende a construir o “ninho” de proteção e de bem-estar, negligenciando as implicâncias do seguimento de Jesus no caminho da cruz e da morte (Evangelho). É bom prestar atenção nos conselhos de Paulo a Timóteo: são expressões de amor e de solidariedade a quem

passa por situações conflituosas. Timóteo é encorajado a persistir no testemunho de Jesus Cristo, participando de seus sofrimentos pela causa do Evangelho (II leitura). Neste tempo propício de penitência e conversão, somos convidados a ouvir o chamado que Deus nos faz para ser santos; é tempo propício para aprofundar a vocação que dele recebemos e discernir o que é essencial do que é ilusório.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (Gn 12,1-4a)

A Bíblia nos apresenta a figura de Abraão como o pai do povo de Israel. Sua fé e confiança em Deus tornam-se a principal herança para as futuras gerações. Abraão é representativo de grupos seminômades, que, por natureza, não se submetem à dominação do poder político, como o exercido naquela época (em torno de 1500 a.C.) pelas cidades-Estado. São caminhantes, sempre em busca de terra fértil que proporcione pastagens para a sobrevivência dos seus rebanhos e, conseqüentemente, de suas famílias e clãs.

A experiência que Abraão possui de Deus está intimamente ligada ao estilo de vida dos pastores. A garantia da terra e o senso de liberdade são fundamentais. A presença de Deus se dá onde se encontram as famílias. Ele caminha com os pastores, conduz seus passos e lhes dá a terra de

\*Celso Loraschi é mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos.

que necessitam. A terra é promessa e dom de Deus, porém é necessário que Abraão esteja disposto a romper com as seguranças que impedem a caminhada na direção que Deus lhe aponta.

Confiar no Deus da promessa é ter a certeza de um mundo sem exploração e sem fome. Essa promessa é motivadora para os movimentos populares, especialmente em época de opressão, como aquela exercida pelo Egito e, posteriormente, pela monarquia israelita. Abraão torna-se a “memória perigosa” que desacomoda os oprimidos, proporcionando-lhes inspiração para a resistência e a mobilização em vista de uma nova sociedade.

## 2. II leitura (2Tm 1,8b-10)

A segunda carta a Timóteo faz parte dos textos tradicionalmente conhecidos como “cartas pastorais” (junto com 1Tm e Tt). São dirigidas aos animadores de Igrejas cristãs, num tom pessoal. Os autores atribuem essas cartas a Paulo. Foram escritas algum tempo depois da morte do apóstolo, no intuito de iluminar e fortalecer a missão desses “pastores” junto às comunidades.

Timóteo havia sido um companheiro de Paulo. Participou da segunda e terceira viagens missionárias. Era pessoa de confiança e dedicada à evangelização. Paulo podia contar com ele para enviá-lo às comunidades a fim de levar instruções e animar a fé dos cristãos. Após a morte de Paulo, continuou a missão de ministro da Palavra, revelando-se importante liderança. A tradição o venera como bispo de Éfeso. Etimologicamente, Timóteo significa “aquele que honra a Deus”.

O texto da II leitura deste domingo indica uma situação difícil pela qual está passando Timóteo. O intuito é confortá-lo e animá-lo à perseverança. Timóteo é convidado a participar solidariamente dos sofrimentos pelos quais Paulo também passou por causa do Evangelho. Quem assumiu a missão de servir

à Palavra não pode sucumbir às dificuldades nem manifestar-se timidamente. A tribulação é inerente ao anúncio do Evangelho, quando feito com autenticidade. Como aconteceu com Jesus, também acontece com seus discípulos. Nessa mesma carta, encontramos o alerta: “Todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos” (3,12).

A confiança plena na graça de Deus deve ser característica da pessoa que evangeliza. Deus nos salvou gratuitamente em Jesus Cristo. Ele nos chama com uma santa vocação para servi-lo e amá-lo. A santidade nos faz andar cotidianamente na intimidade divina, como o fez Jesus. A pessoa santa é portadora da graça e irradiadora da Boa Notícia de Jesus, o Salvador, que venceu a morte e fez brilhar a vida. A missão de Timóteo e de toda pessoa seguidora de Jesus é anunciar, de modo permanente e corajoso, esse projeto salvador de Deus, concebido desde toda a eternidade e revelado plenamente em Jesus Cristo.

## 3. Evangelho (Mt 17,1-9)

A narrativa da transfiguração de Jesus está permeada de elementos simbólicos teologicamente muito significativos. Vemos Jesus subindo à montanha com Pedro, Tiago e João. Todos participam de uma experiência mística inédita. Moisés e Elias também se fazem presentes e dialogam com Jesus.

Lembremos, especialmente, que a comunidade de Mateus é formada de judeus que vivem a fé cristã. Portanto, é importante que a tradição judaica seja respeitada e aprofundada, agora em novo contexto. Assim, a montanha tem um significado especial de manifestação de Deus. Basta lembrar o dom da Lei de Deus a Moisés no monte Sinai. Assim também a expressão “seis dias depois”, bem como a presença da nuvem. Lemos em Ex 24,16: “Quando Moisés subiu ao monte, a nuvem cobriu o monte. A glória do Senhor

pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias”. Como vemos, há íntima relação entre a transfiguração de Jesus e a experiência religiosa de Moisés. É um momento extraordinário de manifestação divina. Moisés e Elias representam a Lei e os Profetas, caminho que aponta para o Messias. Jesus é o cumprimento da promessa do Pai revelada na Sagrada Escritura.

Podemos considerar como centro dessa narrativa a declaração de Deus: “Este é meu Filho amado, nele está meu pleno agrado: escutai-o!” Essa voz que vem do céu, declarando a filiação divina de Jesus, também se fez ouvir no seu batismo (Mt 3,17). É, sem dúvida, a confissão de fé da comunidade cristã, representada nesse momento por Pedro, Tiago e João. De fato, os discípulos, no barco, reconhecem Jesus caminhando sobre as águas e salvando Pedro de sua fraqueza de fé: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (Mt 14,33). Na ocasião em que Jesus pergunta o que dizem dele, Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). É no momento da morte de Jesus que o centurião e os guardas declaram: “De fato, esse era Filho de Deus” (Mt 27,54). O anúncio da verdade sobre Jesus não foi feito aos que detinham o poder político ou religioso. Também não foi feito em algum centro ou instituição importante. Dirigiu-se, sim, a um grupo de gente simples, num lugar social periférico.

O imperativo “escutai-o” enfatiza a perfeita relação entre a profissão de fé em Jesus como “Filho de Deus” e a atenção cuidadosa ao seu ensinamento. O elemento fundamental do ensino de Jesus é que ele terá de passar pelo sofrimento e pela morte, na perspectiva do “Servo sofredor” anunciado pelo profeta Isaías (Is 42,1-9). Não é por acaso que Mateus insere o relato da transfiguração logo após o primeiro anúncio de sua paixão e morte e o convite ao discipulado: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome

a sua cruz e me siga” (Mt 16,24). Portanto, os discípulos deverão compreender que o caminho para o seguimento de Jesus, Servo de Deus, implica “descer da montanha” e assumir as consequências, conforme o testemunho do Mestre. Porém esse não é um caminho derrotista. A vida triunfa sobre a morte. A glória de Deus se manifestará plenamente na ressurreição. A transfiguração é um sinal antecipado da realidade da Páscoa.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Pôr-nos à disposição de Deus. As leituras deste domingo nos apontam a dinâmica do projeto libertador de Deus: deixar as seguranças que nos engessam para nos pormos a caminho da terra que ele deseja para a humanidade. A exemplo de Abraão e sua família, nós também podemos assumir a fé e a total confiança em Deus, que sustenta e guia nossos passos na verdade, na justiça e no amor. Essa é a melhor herança que podemos deixar às futuras gerações.

– Assumir a missão de evangelizar. Timóteo, “aquele que honra a Deus”, assumiu a missão de anunciar o Evangelho de forma corajosa e perseverante mesmo nas situações difíceis; também nós podemos ser anunciadores da Boa Notícia de Jesus em nossas famílias, na comunidade e na sociedade. Isso acontece pela coerência entre fé e vida, pelo testemunho de doação alegre, também pela constância no testemunho de diálogo e de fraternidade. Assim, estaremos respondendo à “santa vocação” a que fomos chamados pela bondade de Deus.

– A vida é permanente caminhar. Jesus foi a grande manifestação de Deus para a humanidade. Pedro, Tiago e João foram agraciados com uma experiência maravilhosa, participando da transfiguração de Jesus. Também em nossa vida, Deus nos concede momentos de muita luz, consolo e força. Tendemos, porém, a buscar o que nos garante bem-estar, prazeres, sensações agradáveis e nos acomodar a essas coisas... Não podemos esquecer que seguir Jesus implica “descer da montanha” do egoísmo e da

acomodação. Seguir Jesus é entregar-nos pela causa da vida digna sem exclusão, alicerçada na justiça e na igualdade. Para isso, conforme nos convoca a Campanha da Fraternidade, faz-se necessário o cuidado com a dignidade de todos os seres humanos, especialmente aqueles que sofrem sob a fome e a insegurança alimentar.

3º DOMINGO DA QUARESMA

12 de março



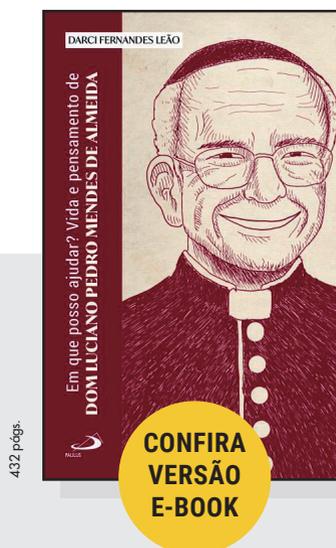
## Adoração em espírito e verdade

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus é a fonte de todos os bens. Acompanha com carinho seus filhos e filhas na caminhada desta vida. Fornece-lhes alimento e força a fim de que seu projeto de vida digna para todos se realize no mundo. É preciso caminhar com a certeza de conquistar a terra prometida por Deus, onde a justiça e a paz se abraçam. O povo de Deus não pode cair na tentação de voltar atrás e acomodar-se a sistemas que exploram e matam. Deus caminha com seu povo e o liberta das opressões. Os conflitos e as dificuldades fazem parte do processo de construção de um mundo novo (I leitura). Jesus é “Deus-conosco”, a água viva que sacia nossa sede de plenitude. Ele nos ensina o caminho de superação dos legalismos e nacionalismos que dificultam a aproximação e o diálogo entre pessoas e povos. Proporciona-nos a possibilidade de reconhecer o rosto de Deus nas tradições e culturas diversas e, assim, adorá-lo “em espírito e verdade” (Evangelho). São Paulo, na carta aos Romanos, demonstra que a fé em Deus torna a pessoa justa. Isso acontece por meio de Jesus Cristo, que entregou sua vida por amor a todos nós, pecadores

## Em que posso ajudar? Vida e pensamento de dom Luciano Pedro Mendes de Almeida

Darci Fernandes Leão



Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra tem por finalidade mostrar que dom Luciano Pedro Mendes de Almeida nos deixou, por sua vida, pensamento e testemunho, um legado genuinamente cristão. Nesse sentido, conhecer um pouco de seu pensamento e de sua vida pode nos estimular para a beleza do seguimento de Jesus.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

(II leitura). Por ele, caminhamos na esperança que não decepciona, pois ele nos salvou gratuitamente.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ex 17,3-7)

O povo de Israel caminha pelo deserto, em processo de libertação da escravidão do Egito. O tempo passa, as dificuldades aumentam. O entusiasmo dos primeiros momentos do êxodo dá lugar a reclamações. Aparece a tentação do desânimo e do desejo de voltar ao regime anterior. De fato, a água é elemento essencial para a sobrevivência do povo. Como não reclamar numa situação dessas?

O povo põe-se na dependência da liderança. Joga as dificuldades aos pés de Moisés e o condena por tirá-los do Egito. Moisés poderia argumentar que ninguém os obrigou a sair de lá. Porém não os condena e dirige-se a Deus para expor-lhe o problema que os aflige. Deus sempre ouve a oração, quando acompanhada do empenho pelo bem comum. Junto com as demais lideranças (os anciãos), Moisés testemunha a ação gratuita de Deus em favor dos que murmuram. Estes estão em processo de aprendizagem. Ao chegarem à Terra Prometida, organizados em tribos, saberão instituir uma sociedade nova e administrá-la de forma participativa e corresponsável.

A vida itinerante caracteriza-se por inseguranças, perigos, cansaços... A formação do povo de Israel deu-se num processo de caminhada, de tensões entre grupos e de descoberta de princípios orientadores para uma convivência pacífica. A utopia da Terra Prometida conservou-lhe a resistência e o ânimo para caminhar. Isso seria impossível sem a fé na Providência divina.

A rocha representa a impossibilidade radical do ser humano de encontrar, por si só, saídas para suas crises e problemas de toda ordem. É a ilusão de achar que tudo se pode

solucionar com os recursos inventados pela lógica humana. Com efeito, somente a fé em Deus possibilita as verdadeiras soluções, que garantem vida a todos os povos. Somente a certeza de sua presença viva faz que a história humana se torne história de libertação. Deus é fonte de vida. É generosamente providente: oferece gratuitamente todos os recursos necessários à vida de seus filhos e filhas.

### 2. Evangelho (Jo 4,5-42)

Como sabemos, os samaritanos eram considerados inimigos históricos dos judeus. Eram um povo de raça mista e possuíam outra concepção religiosa. Para um judeu, ser chamado de “samaritano” era enorme ofensa. A origem dessa hostilidade remonta ao tempo da invasão assíria no Reino do Norte, em 722 a.C., quando a cidade de Samaria foi destruída e boa parte da população deportada. A região foi povoada por colonos assírios, que se casaram com hebreus. Mais tarde, no período pós-exílico, o sistema religioso do templo de Jerusalém excluiu os samaritanos.

Jesus passa pela região de Samaria, na cidade de Sicar (antiga Siquém), onde fora enterrado Josué, o sucessor de Moisés. Jesus está fatigado e senta-se à beira do poço que havia sido do patriarca Jacó. Na tradição judaica, o poço representa a garantia da água oferecida por Deus ao povo, como a água jorrada da rocha durante o êxodo. O poço é figura do culto e da Lei judaica, cuja autoria era atribuída a Moisés. Da observância da Lei e do culto brotava a água viva da Sabedoria. A ideia dominante era que o poço da água viva era o próprio templo de Jerusalém.

Jesus está em caminhada. Chega ao local do poço à “sexta hora”, o que corresponde ao meio-dia. É a mesma hora em que vai ser condenado à morte (Jo 19,14). É o final de sua caminhada. Com sua morte, Jesus se torna o Caminho para todos os que o seguem. Ao sentar-se no poço, está,

na verdade, revelando que ele mesmo é o poço da água viva. Toma o lugar da Lei, do culto, do templo... João vai dizer que Jesus, ao morrer, será traspassado por uma lança e do seu lado sairão sangue e água (Jo 19,34).

A mulher representa o povo samaritano com sua tradição religiosa. Seus “cinco maridos” são uma referência aos cinco deuses cultuados pelos antepassados (2Rs 17,29-32). Jesus oferece à mulher o verdadeiro culto, que é ele próprio. De fato, quem toma a iniciativa do diálogo é o próprio Jesus, que pede água. Corresponde à atitude do próprio Deus da Aliança, que sempre busca seu povo, apesar de suas infidelidades. A samaritana (o povo impuro e marginalizado), não os líderes religiosos de Jerusalém, reconhece Jesus como o Messias, fonte de onde jorra água para a vida eterna.

A grande novidade de Jesus é a proposta de total mudança de mentalidade com relação a Deus: ele o chama de Pai. E, como Pai de todos, não necessita de um lugar determinado para ser cultuado: nem em Samaria, nem em Jerusalém. A mudança de mentalidade também significa entrar numa nova relação com o próximo, a qual derrubará as barreiras entre judeus e samaritanos. Ambos os povos poderão adorar a Deus já não com rituais fixados pela rigidez legalista, mas “em espírito e verdade”.

Sendo a fonte de todo amor e de toda vida, Pai de todos os povos, Deus deseja ser adorado de modo verdadeiro, em todos os lugares. Ele busca pessoas que o adorem com lealdade. Jesus, o Filho, viveu o amor desta maneira: na fidelidade ao Pai, deixou-se conduzir pelo Espírito da Verdade. Do coração de todos os que seguem Jesus brotam rios de água viva, pois saberão amar como ele amou.

### 3. II leitura (Rm 5,1-2.5-8)

Paulo, nos capítulos anteriores ao texto da liturgia deste domingo, procurou convencer os judeus de que a justificação se dá pela fé, sem a necessidade das obras da

Lei. Percebe-se que, mesmo no interior da comunidade cristã, há pessoas de origem judaica apegadas à tradição legalista e com dificuldades de aceitar a doutrina da graça divina.

A partir do capítulo 5, vemos Paulo debruçado sobre os traços que caracterizam uma pessoa que, pela fé em Jesus Cristo salvador, passou a ser nova criatura. Ele parte da certeza de que fomos justificados pela fé, de forma definitiva. Aceitar essa verdade é entrar numa nova condição humana, conferida pela graça de Deus. O primeiro efeito desta é a paz com Deus. Podemos viver agora permanentemente sob abundantes bênçãos divinas. É um estado de bem-estar e alegria. A graça nos confere inteireza pessoal e capacidade de relacionamento fraterno com o próximo.

A paz que provém da fé e é graça de Deus, concedida plenamente em Jesus Cristo, também nos liberta do medo da condenação. Aproxima-nos de Deus de tal modo, que podemos amá-lo e glorificá-lo em tudo o que somos e fazemos. Portanto, o estado de graça nos conserva na harmonia com nós mesmos, com os outros, com a natureza e com Deus. O ser humano, assim, está revestido de imortalidade já nesta vida mortal.

O pecado já não tem poder sobre a graça. A inimizade com Deus foi definitivamente derrubada pela reconciliação que Jesus, mediante sua morte, trouxe à humanidade pecadora. Essa regeneração do gênero humano o torna capaz de viver na vontade divina, na certeza da realização plena. Vivemos, então, na esperança que não decepciona. Ela firma nossos passos e não nos deixa na confusão, nem na dispersão, nem na timidez, nem no desapontamento. Ela se alicerça na certeza do amor sem limites de Deus, derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, e não por meritocracia. Tanto judeus como gentios recebem o dom da reconciliação e da paz. O amor de Deus derramado sobre todos os povos é força ativa, capaz de mudar o mundo.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Deus liberta o povo da escravidão do Egito. Caminha com ele pelo deserto. Mesmo quando o povo se queixa e duvida da presença de Deus, este não o condena nem o abandona. Ouve a oração de Moisés e das outras lideranças e faz nascer água da rocha. Sacia a sede do povo para que este não desanime na caminhada para a Terra Prometida. Essa caminhada de quarenta anos é lembrada pela Igreja, de modo especial, neste tempo da Quaresma. É preciso caminhar com perseverança, confiando na presença de Deus. Ele ouve nossas preces, perdoa-nos e nos acompanha na caminhada de nossa vida. É tempo de superar os queixumes e arregaçar as mangas para que a terra que Deus nos deu seja realmente a casa de todos, conforme nos interpela a Campanha da Fraternidade, sem que ninguém passe fome ou viva situações de insegurança alimentar.

– Jesus tomou a iniciativa de ir ao encontro dos samaritanos, inimigos dos judeus. Estabelece um diálogo com a mulher, representante do povo da região de Samaria. Do diálogo nasce a mútua compreensão. Por meio do diálogo, Jesus se revela: ele é a fonte de água viva. Para manter a intimidade com Jesus, bebemos de sua Palavra e nos alimentamos de seu corpo na Eucaristia. Além de nos saciar, tornamo-nos fonte de água viva. Como fez a samaritana, tornamo-nos discípulos missionários, portadores da Boa Notícia da salvação de Deus para todos.

– Uma vez reconciliados com Deus, é impossível não irradiar seu amor. Assim fez São Paulo, a ponto de entregar-se totalmente como ministro da reconciliação. Muitos caminhos que o mundo moderno nos oferece dificultam a compreensão e a acolhida da graça divina e a paz entre pessoas e povos. Vivemos dispersos, divididos, confusos, inseguros, apegados aos bens materiais, à fama, ao que nos satisfaz momentaneamente... Somente a paz que vem do amor de Deus é capaz de construir a família humana e nos realizar verdadeiramente. Para isso, precisamos resgatar o valor do silêncio, da

meditação da Palavra de Deus, da oração pessoal, familiar e comunitária, da contemplação, do cuidado e da promoção dos direitos comuns.

4º DOMINGO DA QUARESMA

19 de março



## A luz que vem de Deus

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Os textos bíblicos deste domingo refletem sobre a luz divina que se manifesta na história humana. Deus se revela ao mundo de modo original e surpreendente. É soberano em suas decisões e não se deixa levar pelas aparências. Nas pessoas pobres e frágeis, ele manifesta a grandeza de seu amor. Escolhe Davi, um humilde pastor, para governar seu povo com justiça (I leitura). Deus envia seu Filho ao mundo como expressão máxima de sua bondade. Jesus solidariza-se com as pessoas necessitadas e oferece-lhes vida saudável e íntegra: cura a cegueira, liberta o ser humano de toda espécie de opressão e ilumina o caminho dos que se encontram desorientados (Evangelho). O texto da carta aos Efésios incentiva a comunidade cristã a viver como filhos da luz, renunciando às obras próprias das trevas e praticando cotidianamente a bondade, a justiça e a verdade (II leitura). Deus é luz. Portanto, quem vive em Deus se torna uma pessoa iluminada: é autêntica e livre, pois nada tem a esconder ou de que se envergonhar.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (1Sm 16,1b.6-7.10-13a)

Na tradição bíblica, Davi é um dos personagens mais lembrados pelo povo. Ao redor de seu nome, criou-se verdadeiro movimento.

É a figura do governante “segundo o coração de Deus”, rei que segue a justiça e não despreza os pobres. A primeira leitura deste 4º domingo da Quaresma narra a eleição de Davi.

Samuel foi um dos últimos juízes de Israel. Viveu a fase conflituosa de transição entre o tribalismo e a monarquia. É um homem de Deus. Sofre muito quando o povo pede a mudança de regime (1Sm 8). Conforme o mandato divino, busca reconhecer, entre vários irmãos, qual seria o escolhido para governar o povo. Após analisar os sete filhos de Jessé, Samuel declara que nenhum deles havia sido chamado por Deus. O menor deles, ausente por estar cuidando do rebanho, é o eleito. A unção é o meio pelo qual se confere uma missão sagrada. É significativa a transmissão do cargo realizada por Samuel. Tendo a função de juiz de Israel, transmite a Davi o que ele próprio considera ser a vontade divina. O governo deve ser realizado sob a autoridade de Deus.

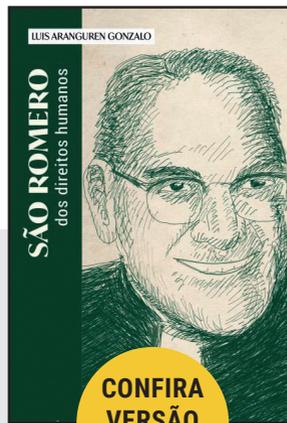
A eleição de Davi é uma narrativa popular que transmite importante conteúdo teológico e sociológico. Deus não se deixa conduzir pelas aparências. Ele conhece o coração de cada pessoa e, por isso, chama os que se encontram em último lugar para realizar seu plano na história. Como dirá Jesus: “Muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos, primeiros” (Mt 19,30). Sociologicamente, é um texto de denúncia do poder monárquico e de valorização dos caminhos alternativos que emergem com a mobilização dos pequenos e marginalizados.

## 2. Evangelho (Jo 9,1-41)

O Evangelho de João aprofunda a identidade de Jesus, narrando sete sinais. Um deles é a cura de um cego de nascença. Esse sinal reflete o debate existente nas comunidades joaninas entre os cristãos e o grupo de judeus apegados ao legalismo religioso. Conforme podemos perceber no texto, a cegueira era considerada um castigo divino, seja pelos

## São Romero dos direitos humanos

Luis Aranguren Gonzalo



216 págs.

CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK

Imagens meramente ilustrativas.

O objetivo deste livro é apresentar a figura humana e profética de dom Romero, trazendo seu legado para nosso tempo atual, no qual os direitos humanos e sociais continuam a ser sistematicamente pisoteados. Com uma linguagem dinâmica, simples e atual, a obra dirige-se a educadores, ativistas, voluntários e a todas as pessoas que buscam, de alguma forma, transformar a realidade em que vivem.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

pecados da pessoa, seja pelos de seus antepassados. Um dos agravantes muito sérios para o cego era seu impedimento de ler a Sagrada Escritura e estudar a Lei, sendo, por isso, considerado um ignorante da vontade de Deus.

Segundo o mesmo Evangelho de João, Jesus veio “para que todos tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10,10). Sua prática não está atrelada à ideologia da pureza dos líderes religiosos judaicos. Ele conhece suas intenções e seus interesses: “São cegos guiando outros cegos” (Mt 15,14). Diante da pergunta sobre “quem pecou”, Jesus procura “abrir os olhos” dos próprios discípulos, pois também eles estão contaminados com a ideologia dos doutores da Lei. Em vez de achar um culpado, Jesus põe a situação da cegueira em relação direta com o plano de Deus, que resgata a dignidade do ser humano. As “obras de Deus” são realizadas agora por Jesus, a Luz do mundo. Acontece em Jesus o que foi anunciado pelo profeta Isaías, quando este se referiu ao “Servo de Javé” como “luz das nações” (Is 49,6).

Jesus, em caminhada, vê o cego de nascença e toma a iniciativa de curá-lo. Ele o faz por meio da junção de dois elementos: a terra e a saliva. Formam o barro, que lembra a criação do ser humano, conforme descreve o livro do Gênesis: “Deus modelou o homem do barro” (Gn 2,7). A ação de Jesus visa recriar a pessoa, oferecendo-lhe nova vida. Conforme o pensamento da época, a saliva transmite a energia vital da pessoa. Portanto, a energia divina de Jesus possibilita a cura.

A graça divina, porém, não exclui o empenho humano. A cura e a libertação que Deus oferece não se dão de modo mágico. O cego deverá seguir a palavra de Jesus e lavar-se na piscina de Siloé, que significa “Enviado”. É convidado a aceitar livremente a luz que Jesus lhe oferece. Seguir o caminho apontado por Jesus significa entrar no processo de conquista de liberdade e autonomia. De fato, o cego recuperará a visão e também a capacidade de pronunciar livremente as próprias palavras,

já não oprimido pelo legalismo dos fariseus e também já não dependente de seus pais, representativos da tradição, que buscava “segurar”, sob sua guarda, os filhos de Israel. A conquista da visão verdadeira passa por processos de conflitos e crises, pois mexe com as concepções dominantes. Uma pessoa livre, conduzida por profundas convicções, torna-se ameaça para o poder constituído, pois este procura impor “obrigações”, mantendo a consciência do povo alienada.

O cego de nascença, junto com a recuperação da vista, recebe de Jesus o dom da fé e torna-se seu discípulo. O relato de sua cura emprega, várias vezes, o verbo “nascer”. Demonstra íntima ligação com o episódio do encontro de Nicodemos com Jesus, que lhe indica o caminho do “novo nascimento”. Podemos, então, discernir em que consiste a recuperação da verdadeira visão: é renascer, pela fé, acolhendo a Jesus e deixando-se conduzir pela sua palavra: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). A tradição cristã vai interpretar o ato de lavar-se na piscina de Siloé como símbolo da regeneração cristã pelo batismo.

### 3. II leitura (Ef 5,8-14)

São Paulo, em seus escritos, dedica-se, de modo muito especial, à tarefa de aprofundar a vida nova que provém da fé em Jesus Cristo. O texto da carta aos Efésios é reflexo dessa teologia paulina. Demonstra a preocupação de manter a comunidade cristã no caminho do amor, “do mesmo modo como Cristo amou e se entregou por nós a Deus” (Ef 5,1).

Existem dois caminhos: o das trevas e o da luz. O caminho das trevas era bem conhecido pelos cristãos de Éfeso. Pelo que se constata ao ler o texto, muitos deles, antes de sua adesão a Jesus Cristo, experimentaram um modo de viver alicerçado no egoísmo, na avareza, na fornicção e em outras coisas vergonhosas que expressam uma vida nas “trevas”.

O caminho da luz se manifesta por uma vida em Cristo. Ele não só andou como filho da luz, mas revelou-se a Luz verdadeira. Não somente assumiu atitudes de amor, mas é a essência do amor. A pessoa unida a ele também é filha da luz: sabe discernir “o que é agradável ao Senhor” e produz “frutos de bondade, justiça e verdade”. Quem se decide a seguir Jesus não só rompe com as “obras infrutuosas das trevas”, como também exerce a função profética de denúncia dessas obras. O que é mau e feito às ocultas deve ser trazido à luz, a fim de que se torne manifesto ao público e seja corrigido para o bem de todos. Quem segue Jesus jamais pode ser cúmplice da maldade, da corrupção, da mentira...

Jesus nos fez participantes da sua própria natureza divina. Portanto, tal como viveu Jesus – a Luz de Deus no mundo –, também nós temos a graça de viver de modo que a luz divina brilhe no mundo por meio da inteireza do nosso ser e da retidão do nosso agir.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

–Viver na luz de Deus é o tema central das leituras deste domingo. No relato da eleição de Davi, conforme o primeiro livro de Samuel, vemos que Deus chama as pessoas não com base nas aparências. Ele não segue o padrão dominante da sociedade. A unção de Davi aponta para nosso batismo. Fomos ungidos: revestidos de Cristo. Fomos eleitos por Deus, que concede a cada um de nós uma missão, segundo os diferentes dons. Deus quis contar com Davi para que assumisse a missão de servir o povo como um governante justo. É uma indicação muito importante para quem assume cargos de responsabilidade social. Deus conta conosco para levar adiante seu plano de amor e justiça no mundo. Ele é a Luz que brilha nas trevas. A salvação que ele oferece à humanidade depende da resposta que damos ao seu chamado.

–Jesus é a Luz do mundo. Caminhou neste mundo fazendo o bem, curando as pessoas e dissipando as trevas. A cura do cego de nascença

vai além do sentido físico. É libertação das influências das ideologias dominantes. Somos cegos quando entramos no jogo da ambição de poder e deixamos de servir humildemente o próximo; quando nos consideramos superiores aos outros e quebramos a fraternidade; quando acumulamos para nós mesmos o que Deus ofereceu para a vida de todos... Jesus curou o cego misturando sua saliva com a terra. A terra que Deus nos deu é sagrada, manifesta sua bondade, oferece recursos para uma vida saudável. Podemos ampliar esse sentido, estabelecendo relações com o tema da CF: “Fraternidade e fome”.

–Viver como filhos da luz. Deus nos concede a liberdade de escolha: caminhar na luz ou nas trevas. São bem conhecidas as obras das trevas: corrupção, mentira, violência, hedonismo e tudo o que prejudica o ser humano e a natureza. É tempo de revisão de vida e de conversão: Deus nos oferece a oportunidade de sair das trevas para a luz. O discípulo missionário de Jesus escolhe o caminho da verdade, da justiça e da bondade; assume o risco de ser autêntico e se empenha na construção de outro mundo possível.

## 5º DOMINGO DA QUARESMA

26 de março



## O Espírito de ressurreição e de vida

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus se revela por meio da palavra profética. Na primeira leitura, Ezequiel anuncia vida nova para os que se encontram sem esperança, no túmulo do exílio da Babilônia. Deus ama prioritariamente o povo em situação de sofrimento. Está junto aos exilados e promete-lhes a volta à terra de Israel, devolvendo-lhes a

liberdade. O dom do Espírito de Deus revigora o coração do povo e lhe suscita vida (I leitura). A revelação plena de Deus se dá na pessoa de seu Filho, Jesus. Ele é o caminho da vida por excelência. Pelo relato da ressurreição de Lázaro, a comunidade cristã afirma que Jesus é a ressurreição. Quem vive e crê nele jamais morrerá (Evangelho). Deus se revela também por meio do testemunho dos seguidores de Jesus, como o de Paulo. Escrevendo aos romanos, orienta-os para uma vida nova, proveniente da fé em Jesus Cristo. É a vida no Espírito. Este habita cada pessoa e suscita vida aos corpos mortais (II leitura). Os três textos enfatizam a vitória da vida sobre a morte como dom de Deus. Seu Espírito nos faz novas criaturas: transforma, reanima, fortalece, ressuscita...

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ez 37,12-14)

Na tradição judaico-cristã, profecia é tempo de graça: tempo que se faz pleno porque Deus se comunica e interpela seu povo, recordando sua aliança e demonstrando seu amor. Ezequiel profetiza junto aos exilados na Babilônia, ao redor do ano 580 a.C. O povo encontra-se mergulhado em profunda crise. Está longe da terra que Deus lhe concedeu, conforme a promessa feita a Abraão. Sente-se abandonado por Deus e sem esperanças de futuro. A situação realmente parece desesperadora. Nesse pequeno texto, aparece três vezes a palavra “túmulos”. Deus, porém, não se conforma com a morte de ninguém. Por isso, suscita o profeta Ezequiel para anunciar novo tempo: vai infundir nos exilados seu Espírito, que lhes dará força e coragem para se reerguerem das cinzas.

Em nome de Deus, Ezequiel anuncia um novo êxodo. No primeiro êxodo, Deus libertou seu povo da escravidão do Egito e lhe deu a Terra Prometida. Agora, Deus vai livrá-los do domínio da Babilônia e serão reintroduzidos na terra de Israel. O jugo

estrangeiro será quebrado, e o povo disperso (parecendo ossos secos espalhados num vale) poderá voltar a se reunir em sua própria terra, onde habitará com segurança. Isso acontecerá pela intervenção gratuita de Deus. Ele desperta para a vida os que se encontram em situação de morte. Faz sair os esqueletos dos seus túmulos. Reanima os “cadáveres ambulantes”. Seu Espírito penetra nos corpos sem vida. O povo disperso e abandonado toma consciência de que é amado por Deus e, por isso, descobre ser capaz de mobilizar-se para a reconquista da terra de liberdade.

### 2. Evangelho (Jo 11,1-45)

A narrativa da ressurreição de Lázaro corresponde ao último dos sete sinais de libertação realizados por Jesus no Evangelho de João. Os relatos dos sete sinais procuram levar os cristãos a refletir sobre o sentido profundo dos fatos da vida humana: a falta de vinho numa festa de casamento (2,1-12), a doença do filho de um funcionário real (4,46-54), o paraplético à beira da piscina de Betesda (5,1-18), a fome do povo (6,1-15), o barco dos discípulos ameaçado pelas águas do mar (6,16-21), o cego de nascença (9,1-41) e, finalmente, a morte de Lázaro. Todos eles visam apresentar Jesus como o Messias que veio para resgatar a vida plena para os seres humanos. Em cada sinal, percebe-se um propósito pedagógico: a representação de um caminho novo apontado por Jesus para derrubar todas as barreiras que impedem a pessoa de realizar-se plenamente.

Jesus é o “Bom Pastor” que dá a vida por suas ovelhas (Jo 10,11). Ele é o verdadeiro caminho para a vida com dignidade e liberdade, vencendo as causas de todos os males. Vence a própria morte: é a vida definitiva. Somente os que creem em Jesus, com convicção, compreendem e acolhem essa verdade. Portanto, a finalidade principal dos sinais é levar os discípulos à fé autêntica. Ao informar que Lázaro havia morrido e que, por isso, iria ao seu encontro, Jesus diz aos discípulos: “É para

que vocês creiam” (v. 15). Também lemos no final do Evangelho: “Jesus fez ainda muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham a vida em seu nome” (Jo 20,30-31).

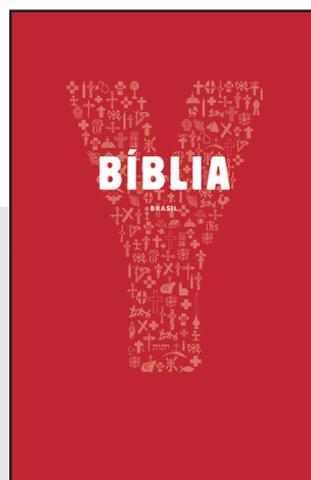
As personagens que aparecem no relato – Marta, Maria e os judeus – refletem diferentes concepções a respeito de Jesus. Primeiramente, podemos observar o comportamento de Marta. Sabendo que Jesus chegara a Betânia, “saiu ao seu encontro” e a ele se dirigiu, chamando-o pelos títulos cristológicos de “Senhor” e “Filho de Deus”. Diante da promessa da ressurreição, declara-lhe convictamente sua fé: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo” (v. 27). E vai anunciar à sua irmã Maria, que, por sua vez, imediatamente segue ao encontro de Jesus, mas não consegue declarar a fé nele como fez Marta. Está ainda angustiada e paralisada diante da realidade da morte. Já os judeus apenas seguem Maria, sem ter consciência de ir ao encontro de Jesus, nem muito menos fazer-lhe alguma confissão de fé.

São três modos de comportar-se diante de Jesus. O comportamento de Marta é o retrato das pessoas que têm fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, Salvador da humanidade. Para os que acreditam nele, a ressurreição é realidade não apenas para o futuro, mas para o presente. Toda atitude em favor da vida é sinal de ressurreição e gesto de glorificação de Deus, criador e libertador.

Os autores do Evangelho fazem questão de mostrar o rosto humano de Jesus. Ele participa da dor das pessoas que sofrem, comove-se e chora. Sua comoção, porém, pode ser traduzida como impaciência com a falta de fé tanto de Maria como dos judeus. Para além das lamentações, Jesus reza ao Pai para que, diante desse sinal definitivo da ressurreição, “eles acreditem” nele como enviado de Deus.

## Bíblia jovem

Fundação Youcat



440 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Com a intenção de aproximar os jovens da Bíblia, foi elaborada uma versão do *Youcat* dedicada ao estudo da Sagrada Escritura. Preparado por uma equipe de biblistas, o livro oferece exegese e comentários de alguns dos textos da Bíblia com linguagem acessível.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

Lázaro (cujo nome significa “Deus ajuda”) está enterrado há quatro dias. O “quarto dia” refere-se ao tempo depois da morte de Jesus; é o tempo das comunidades que creem em Jesus morto e ressuscitado. Portanto, é o tempo da graça por excelência, que deve ser vivido de forma totalmente nova. Lázaro e as comunidades cristãs são chamados a sair dos túmulos do medo, da acomodação, do egoísmo e da tristeza; são chamados a “desatar-se” das amarras dos sistemas que oprimem e matam. As pessoas de fé autêntica, seguidoras de Jesus, são verdadeiramente livres. O “quarto dia” é o tempo da ressurreição, dom de Deus.

### 3. II leitura (Rm 8,8-11)

Viver no Espírito de Cristo é o que propõe São Paulo aos romanos. Somente no capítulo 8, aparece mais de vinte vezes a palavra “espírito”. A vida no Espírito Santo contrapõe-se à vida segundo a carne, ou seja, aos instintos egoístas. Toda pessoa carrega dentro de si essas duas tendências, que lutam entre si permanentemente. Aquelas que foram regeneradas em Jesus Cristo estão mergulhadas em seu Espírito. Por isso, possuem a luz e a força do próprio Jesus, que realizou a vontade de Deus e redimiu a humanidade. Ele nos justificou pela graça e nos tornou novas criaturas, participantes de sua natureza divina.

Estar com o Espírito de Cristo, porém, não significa anulação da tendência para o pecado. A tensão à santidade deve ser permanente. É uma questão de opção fundamental pelo mesmo modo de pensar e de agir de Jesus. Ele mesmo advertiu que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24). Paulo lembra que os cristãos não podem viver segundo a carne e segundo o Espírito ao mesmo tempo. Não se pode viver na liberdade e na escravidão ao mesmo tempo.

Na carta aos Gálatas, Paulo escreve: “Foi para sermos livres que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Ele nos libertou da escravidão do pecado por pura graça. Portanto, somente

na graça de Jesus Cristo vivemos a autêntica liberdade. Somente no Espírito de Jesus nos libertamos da escravidão das obras dos instintos egoístas. Para não haver dúvidas sobre os dois caminhos que se opõem entre si, Paulo fala a respeito das obras que caracterizam cada um deles: “As obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúme, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas... Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,19-23).

Uma vez que aderimos, pela fé, a Jesus Cristo, a ele pertencemos e seu Espírito habita em nós. Esse Espírito é o agente das obras que agradam a Deus. Podemos, então, contar com a plenitude de sua graça. Assim, morremos para as obras do egoísmo e permanecemos na vida. Pois o mesmo “Espírito daquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos [...] dá a vida aos [nossos] corpos mortais” (v. 11). Temos a graça de viver desde agora a vida eterna, pois em Cristo fomos divinizados.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– O Espírito de Deus move a história. Como foi revelado ao profeta Ezequiel, não há situação que não interesse a Deus. Ele intervém na história humana para transformá-la em história da salvação. Concede seu Espírito para libertar o ser humano de toda espécie de escravidão e conduzi-lo à liberdade. O Espírito de Deus nos faz sair dos “túmulos” da desesperança, do medo, da acomodação... Deus não se conforma com o abandono e a morte de ninguém. Ele é o Deus da vida em plenitude. As crises e dificuldades de nosso tempo são desafios que podem ser enfrentados como fez o povo exilado na Babilônia: na confiança em Deus e na esperança ativa.

– Jesus é a fonte da verdadeira vida. Como “Bom Pastor”, ele se interessa pelas necessidades de todos nós. Oferece sua amizade e sua companhia permanente. Conta conosco para

continuar sua obra. Os sinais que realizou são indicativos para a missão das comunidades cristãs. A ressurreição de Lázaro aponta para o novo modo de ser Igreja, organizada de forma participativa e corresponsável. Uma Igreja composta de pessoas redimidas pela graça, ressuscitadas em Cristo. Cada um de nós é chamado a declarar sua fé de modo prático, na certeza de que o bem pode vencer o mal e de que a morte não tem a última palavra. Nesse sentido, é importante que prestemos atenção nos apelos da Campanha da Fraternidade deste ano.

– O Espírito de Cristo mora em nós. Cabe a cada pessoa viver de tal modo, que esteja permanentemente na comunhão com Jesus Cristo. Se nos deixamos conduzir pelo Espírito de Jesus que habita em nós, realizamos as obras que agradam a Deus. Morremos para o egoísmo e ressuscitamos no amor. Nosso corpo mortal recebe a graça da imortalidade. Se, porventura, quebramos essa unidade, Deus nos concede a graça da reconciliação. Eis a Quaresma, tempo de conversão, tempo de salvação.

Os roteiros homiléticos do Domingo de Ramos e do Tríduo Pascal (Ceia do Senhor, Paixão do Senhor e Vigília Pascal) podem ser acessados no *site* da revista.



## DOMINGO DA PÁSCOA NA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

9 de abril



## Testemunhas da ressurreição do Senhor

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A verdade da ressurreição mexe com nossa vida, como aconteceu com as primeiras testemunhas. Tudo adquire um sentido novo. A

alegria invade nosso ser. A esperança se renova, baseada na certeza da vida em plenitude, dom de Deus! A fé na ressurreição imprime novo dinamismo em nossa caminhada terrena. A atitude de Maria Madalena nos inspira a partilhar as descobertas que prenunciam uma boa notícia. Sua atitude, bem como a de Pedro e a do discípulo amado, reflete as reações dos participantes das comunidades cristãs diante do fato da ressurreição (Evangelho). Ao participar da comunidade de fé, experimentamos que Jesus está vivo. A ressurreição de Jesus é um fato histórico, com testemunhas oculares; faz parte essencial do credo cristão, conforme percebemos na catequese de Pedro junto à comunidade cristã reunida na casa de Cornélio, um centurião romano. A fé na ressurreição derruba barreiras que separam os povos e provoca novas relações, baseadas no amor fraterno (I leitura). Ela nos faz viver de um novo modo, já não voltados para interesses egoístas, mas para “as coisas do alto” (II leitura). A celebração da Páscoa do Senhor Jesus é oportunidade de nos deixarmos invadir pelo amor misericordioso de Deus e seguir Jesus com entusiasmo.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Jo 20,1-9)

O primeiro dia da semana indica um novo tempo. Tem ligação com o início da criação do mundo. A morte de Jesus significou a passagem das trevas para a luz que nunca mais se apagará. A fé na ressurreição, porém, não se processa da mesma maneira em todas as pessoas. Algumas precisam de um tempo maior para assimilar essa verdade, que tudo transforma. Maria Madalena recebe especial distinção: ainda no escuro, dirige-se ousadamente ao túmulo de Jesus. Apesar de ver a pedra removida, não consegue ainda perceber a luz do sol (Jesus que ressuscitou) anunciando uma nova aurora. Perplexa, corre ao encontro de Simão Pedro e do discípulo que Jesus amava para dizer-lhes de sua

preocupação com o que havia constatado. Seu anúncio provoca a movimentação dos dois discípulos em busca do verdadeiro sentido dos últimos acontecimentos.

Maria Madalena, nesse relato de João, é representativa da comunidade que não aceita permanecer acomodada. Busca ansiosamente a explicação do que realmente aconteceu naquele “primeiro dia da semana”. É atitude muito positiva, pois “quem busca encontra” (Mt 7,8). Por isso, ela é especialmente valorizada. Jesus deixa-se encontrar. Impulsionada pelo amor, ela caminha na direção do Amado. O maravilhoso encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado se dá logo a seguir (20,11-18).

A comunidade cristã primitiva reconhecia-se no jeito de ser de Maria Madalena, de Pedro e do discípulo amado. Havia pessoas que ainda permaneciam nas “trevas” da morte de Jesus; sentiam-se desamparadas e desorientadas. Havia as que não conseguiam acolher a verdade da ressurreição de Jesus. Diziam que seu corpo fora retirado por alguém e que se inventara a notícia de que ele havia ressuscitado. É o que se percebe na expressão de Maria Madalena: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram” (v. 2). Essas pessoas ainda estão no emaranhado de dúvidas, porém, pouco a pouco, receberão a graça de reconhecer a ressurreição de Jesus como um acontecimento verdadeiro, e não como uma lenda.

Pedro e o discípulo que Jesus amava, ao ouvirem a notícia de Maria Madalena, correm para o local onde Jesus fora enterrado. Partem juntos, mas Pedro corre menos. É intenção dos autores do Evangelho de João demonstrar a dificuldade de Pedro em entender e aceitar o verdadeiro significado da morte de Jesus. Talvez esteja ainda amarrado à vergonha de ter negado o Mestre e de tê-lo abandonado na hora decisiva. Pedro, não obstante, segue o discípulo que Jesus amava e, na tarde desse mesmo dia, fará a

experiência maravilhosa de encontrar-se com o Ressuscitado junto com outros discípulos (20,19-23). Também na comunidade cristã havia pessoas que manifestavam resistência a aderir a Jesus morto e ressuscitado com convicção de fé. Lentamente, contudo, com a ajuda dos “discípulos amados”, chegaram a trilhar o caminho do seguimento de Jesus, a ponto de dar a vida por ele, como aconteceu com o próprio Pedro.

O “discípulo que Jesus amava” chega mais depressa ao túmulo. Esse discípulo é aquele que, junto com algumas mulheres, acompanhou Jesus até a cruz (19,25-27). Testemunhou sua morte e lhe foi solidário. Agora também mostra solidariedade para com Pedro, que chega depois. Dá-lhe preferência para entrar no túmulo. Reconhece sua autoridade. Ao entrar, Pedro vê as faixas de linho e o sudário. O texto não diz que ele acreditou, mas apenas “viu” (v. 6). Já quanto ao discípulo amado, diz que ele “viu e acreditou” (v. 8). Os mesmos sinais são interpretados de forma diferente. Para quem ama Jesus e se sente amado, nada é impedimento para crer na vitória da vida sobre a morte.

Os discípulos voltam para casa. É na casa que as comunidades primitivas se reúnem para ler e compreender a Sagrada Escritura, fazer a memória de Jesus, partilhar a experiência de fé e crescer no amor fraterno. É na casa que se derrubam as barreiras separatistas e se exercita a acolhida respeitosa da alteridade. A Igreja nas casas vai constituir o espaço sagrado por excelência onde Jesus ressuscitado manifesta sua presença, se dá em alimento e convoca seus discípulos à missão.

## 2. I leitura (At 10,34a.37-43)

O capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos constitui uma página de especial importância. Lucas (o mesmo autor do Evangelho) revela uma de suas intenções fundamentais: mostrar que a salvação trazida por Jesus Cristo é para todos os povos. Pedro, depois de um processo

de relutância e discernimento, aceita o convite para entrar na casa de um pagão, centurião romano, chamado Cornélio. É a porta de entrada para o mundo dos gentios, missão que será assumida integralmente por Paulo.

É significativo o fato de ser Pedro aquele que primeiro rompe a barreira do judaísmo exclusivo para dialogar com os estrangeiros. É recebido por Cornélio com muita reverência. Lucas enfatiza a autoridade de Pedro, representante dos apóstolos. Quer fortalecer a fidelidade à tradição apostólica. A atitude de Pedro na casa de um romano legitima a abertura para todos os povos. Jesus é o Salvador universal.

Cornélio revela-se extremamente receptivo à pessoa e à mensagem de Pedro. De fato, a resistência ao anúncio do Evangelho é perceptível muito mais entre os judeus do que entre os gentios. O próprio Pedro manifesta dificuldade em desvencilhar-se do exclusivismo judaico e da lei de pureza. Converte-se à medida que se insere no lugar social dos estrangeiros, a ponto de comer com eles. É na casa de Cornélio que ele se abre verdadeiramente para o plano divino de salvação universal: “Dou-me conta de verdade que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (10,34-35). O critério de pertença ao povo de Deus já não é a raça ou o cumprimento da Lei, e sim a prática da justiça. Por esse caminho, ocorre a inclusão de todos os povos, sob a ação do Espírito Santo. As comunidades cristãs primitivas concretizaram esse ideal. Formadas por pessoas de culturas diferentes, reuniam-se nas casas, ao redor da mesma mesa e unidas na mesma fé.

O discurso de Pedro constitui um resumo da catequese primitiva. É a síntese do que-rigma apostólico. Apresenta Jesus de Nazaré desde o seu batismo, passando pela sua missão de resgate da vida e dignidade de todas as pessoas, pela sua morte de cruz, culminando com sua ressurreição. O anúncio de Pedro é

## A dimensão comunitária do ministério presbiteral: reflexões a partir do decreto *Presbyterorum Ordinis*

Sandro Ferreira



264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra ajuda-nos a pensar no ministério presbiteral segundo o aspecto da comunhão. Juntamente com os bispos, com os outros presbíteros e com os cristãos leigos, os presbíteros devem exercer seu ministério em comunhão e fraternidade, promovendo a unidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

fundamentado em seu próprio testemunho e no de várias outras pessoas: “Nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fez” (v. 39); “Nós comemos e bebemos com ele, após sua ressurreição dentre os mortos” (v. 41). O discurso termina com a confissão de fé em Jesus como juiz dos vivos e dos mortos, constituído por Deus e anunciado pelos profetas. E finalmente: “Todo aquele que nele acreditar receberá a remissão dos pecados” (v. 43).

### 3. II leitura (Cl 3,1-4)

A comunidade cristã da cidade de Colossas, na Ásia Menor, manifestava certo distanciamento das verdades fundamentais da fé. Havia pessoas que, influenciadas por tendências da época (por exemplo, a importância dada às forças cósmicas, depositando nelas toda a confiança), observavam práticas religiosas, dietas e exercícios de ascese (Cl 2,16-23), levadas por “vãs e enganosas filosofias”. Havia também pessoas levadas pela “fornicação, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça de possuir” (Cl 3,5). O autor da carta preocupa-se com essa situação e, por isso, escreve aos colossenses no intuito de orientá-los para uma vida coerente com a fé em Jesus Cristo, único mediador entre Deus e as criaturas.

Nessa pequena leitura deste domingo da Páscoa, encontramos quatro pontos do querigma cristão que fundamentam a fé das primeiras comunidades: a morte de Jesus, sua ressurreição, sua exaltação à direita de Deus e sua volta. Cada um desses pontos é indicativo de atitudes que caracterizam o novo modo de viver dos cristãos.

A fé na morte de Jesus Cristo implica a morte de nossos maus comportamentos. Para os cristãos colossenses, implicava morrer para as práticas religiosas que contradiziam a fé cristã; passar de uma mentalidade idolátrica para o mergulho na vida divina, seguindo a Jesus Cristo: “Vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (v. 3).

A fé na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo implica discernir o que realmente edifica o ser humano em comunidade: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto [...]” (v. 1). Quem permanece com o pensamento e o coração mergulhados em Deus vive dignamente.

A fé na volta de Jesus nos motiva a viver na esperança militante, com a certeza de estarmos com ele: “Quando Cristo, que é vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória” (v. 4).

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Jesus ressuscitou: a vida já não é a mesma. Maria Madalena se distingue pela sua coragem. Ela vai ao túmulo, mesmo no escuro. Seu amor a Jesus não permite que permaneça afastada. Procura entender o sentido da morte de Jesus. Não é acomodada nem derrotista. Vai ao encontro dos discípulos e lhes anuncia uma notícia inquietante: o túmulo está vazio. Sua ousadia na busca da verdade a levará ao encontro com Jesus ressuscitado. Pedro, apesar de sua boa vontade em seguir Jesus, ainda permanece na dúvida. O discípulo que Jesus amava é o mais rápido para “ver e crer”. Não precisou ver Jesus com os olhos da carne. Quem ama e se deixa amar por Jesus caminha na certeza de que ele está vivo.

– A fé na ressurreição derruba barreiras. O encontro de Pedro com Cornélio corresponde à atitude das pessoas que amam a Deus acima dos preconceitos humanos. A fé em Jesus Cristo como Salvador do mundo derruba as barreiras de raças e de tradições culturais e religiosas que dividem as pessoas. Nada pode impedir o diálogo, a reconciliação, o respeito mútuo e a vivência do amor fraterno. O espaço privilegiado para essa vivência é a casa. O que aconteceu na casa de Cornélio nos anima a fortalecer o modelo de Igreja presente nas comunidades eclesiais de base, bem como nos incentiva ao compromisso com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso.

—A vida mergulhada em Jesus Cristo. Como aconteceu entre os cristãos colossenses, também hoje corremos o perigo de nos deixarmos arrastar por ideologias que contradizem o Evangelho. É importante cultivarmos a prática do discernimento, para assumir os valores que nos conservam na vontade de Deus e edificam nossa vida. Professar a fé em Jesus Cristo implica viver dignamente, bem como respeitar a dignidade das demais pessoas e da natureza.

## 2º DOMINGO DA PÁSCOA

16 de abril

Johan Konings\*

\*Pe. Johan Konings, sj, nasceu na Bélgica e radicou-se no Brasil em 1972. Faleceu aos 80 anos, no dia 21 de maio de 2022, em Belo Horizonte-MG. Doutor em Teologia e mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina. Foi professor de Exegese Bíblica na Faje, em Belo Horizonte. Dedicou-se principalmente aos seguintes assuntos: Bíblia – Antigo e Novo Testamento (tradução), Evangelhos (especialmente o de João) e hermenêutica bíblica. Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A-B-C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*; *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. Nossa homenagem e gratidão ao Pe. Konings, que por diversas vezes colaborou em *Vida Pastoral*.



## A fé apostólica, que é nossa

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Nos domingos depois da Páscoa, a liturgia nos põe em contato com a primeira comunidade cristã. As primeiras leituras são uma sequência de leituras tomadas dos Atos dos Apóstolos. Nas leituras do Evangelho, é-nos apresentada a “suma teológica” do século I, o Evangelho de João. As segundas leituras são tomadas de outros escritos muito significativos quanto aos temas batismais e da fé; no Ano A, a primeira carta de Pedro.

O segundo domingo pascal, especificamente, é marcado pelo tema da fé batismal.

É o antigo domingo *in albis* (“em vestes brancas”). Nesse domingo, os neófitos (os novos fiéis, literalmente “brotos novos”), batizados na noite pascal, apresentavam-se vestidos com a veste branca recebida na noite de seu batismo: eram “como crianças recém-nascidas” (como se dizia no canto de abertura). A oração do dia pede que progridamos na compreensão dos mistérios básicos da nossa fé, ou seja, dos “sacramentos da iniciação cristã” – batismo, Eucaristia e confirmação –, e a oração final reza por mais profundo entendimento do mistério da ressurreição e do batismo. Quanto às leituras, embora não exista estrita coerência temática entre as três, todas elas nos fazem participar do espírito do mistério pascal.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 2,42-47)

A primeira leitura nos apresenta o ideal da comunidade cristã: a comunidade primitiva dos cristãos de Jerusalém. A descrição acentua especialmente a comunhão dos bens, que corresponde ao sentido do partir o pão – comemoração do Senhor Jesus. Outros textos semelhantes sobre a vida da comunidade encontram-se em At 3,32-37 e 5,12-16. Tanto essa comunhão perfeita como os prodígios operados pelos apóstolos serviam de testemunho para os demais habitantes de Jerusalém, testemunho que não deixava de ter sua eficácia. Essa leitura é, portanto, mais do que um documento histórico sobre os primeiros tempos depois da Páscoa: é convite para restabelecermos a pureza cristã das origens.

### 2. II leitura (1Pd 1,3-9)

A segunda leitura é tomada da primeira carta de Pedro, que é uma espécie de homilia batismal. Na perspectiva de seu autor, a volta gloriosa do Senhor estava próxima; os cristãos deviam passar por um tempo de prova, como ouro na fornalha, para depois brilhar com Cristo na sua glória. Nessa perspectiva, a fé

batismal se concebe como antecipação da plena revelação escatológica: é amar aquele que ainda não vimos e nele crer, com o coração repleto de alegria diante da salvação que se aproxima (e já foi alcançada, na medida em que a fé nos põe em verdadeira união com Cristo).

### 3. Evangelho (Jo 20,19-31)

O texto de Jo 20,19-31 constitui o fim do Evangelho de João (o capítulo 21 é um epílogo que excede a estrutura literária do Evangelho propriamente). O Evangelho de João é composto de dois painéis, introduzidos pelo prólogo (1,1-18). O primeiro painel, 1,19-12,50, narra os “sinais” de Jesus. Esses sinais manifestam que Jesus é o enviado de Deus e que Deus está com ele e, ao mesmo tempo, revelam simbolicamente o dom que Jesus mesmo é. No segundo painel, capítulos 13-20, Jesus, na hora de sua despedida, abre seu mistério de união com o Pai e inclui nele seus discípulos, antes de assumir, livremente, a morte por amor e ser ressuscitado por Deus. Sua ressurreição é o sinal de que ele vive e sobe à glória do Pai (20,17). No trecho que ouvimos neste domingo, manifesta-se o dom do Espírito de Deus a partir da glorificação/exaltação de Jesus (7,37-39). Na sua despedida, Jesus prometeu aos seus o Espírito e a paz (14,15-17.26-27). Agora, o Ressuscitado, enaltecido e revestido com a glória do Pai, traz esses dons aos seus (v. 21-22), que serão seus enviados como ele o foi do Pai (v. 21). Para essa missão, recebem o poder de perdoar, poder que, segundo a Bíblia, é exclusivo de Deus e, portanto, só pode ser comunicado por quem comunga de sua autoridade. De fato, já no início do Evangelho de Marcos, Jesus se caracteriza como o “Filho do Homem” (cf. Dn 7,13-14), que recebe de Deus esse poder (Mc 2,10). Segundo os v. 19-23, o Ressuscitado dá à comunidade dos fiéis o Espírito de Deus e a missão de tirar o pecado do mundo – a

mesma missão que João Batista reconheceu em Jesus no início do Evangelho (Jo 1,29). À maneira semítica e bíblica, a missão de perdoar é expressa na forma afirmativa (“a quem perdoardes os pecados, serão perdoados”) e negativa (“a quem os retiverdes [= não perdoardes], serão retidos”, v. 23). Isso, porém, não significa que os seguidores e sucessores de Jesus poderão administrar o perdão arbitrariamente; antes, trata-se do poder de administrar o perdão concedido por Deus: munida do Espírito de Deus, a comunidade reconhecerá quem recebe dele o perdão e quem não. Não deixa de ser significativo que Jesus exprima essa presença do Espírito exatamente pelo perdão, e não pelo dom das línguas ou algo assim. Pois o que o ser humano procura, em profundidade, é exatamente esse “estar bem com Deus e com os irmãos”, que o pecado impede, mas o perdão possibilita. Todo o culto judaico girava em torno da reconciliação com Deus e com a comunidade. A carta aos Hebreus explica que Jesus, enquanto sumo sacerdote definitivo, realiza essa reconciliação de uma vez para sempre. O que Jesus confia aos seus nos v. 22-23 é mais que mera “jurisdição”. É o dom da vida nova, na “paz”, no *shalom*, o dom do Messias por excelência. Unidos na comunhão da verdadeira videira que é Jesus (Jo 15,1-8), temos a vida em abundância (Jo 10,10).

A segunda parte do Evangelho do dia conta a história de Tomé. O texto põe em evidência Tomé entre os que viram o Ressuscitado (cf. At 10,41; 1Jo 1,1-3), mas visa às gerações seguintes, que, sem terem visto, deverão crer – com base no testemunho das testemunhas privilegiadas. “Felizes os que não viram e, contudo, creram” (v. 29) é bem-aventurança que se dirige a nós (cf. 1Pd 1,8, na segunda leitura). É para esse fim que os que viram nos transmitiram, por escrito, o testemunho evangélico, como diz o autor nas palavras finais (v. 30-31).

Daí podermos dizer: “Cremos na fé dos que testemunharam”, a fé dos apóstolos, a fé apostólica. A Tomé é dado experimentar a realidade do Crucificado que ressuscitou, e o apóstolo proclama sua fé, tornando-se verdadeiro fiel. Há, no entanto, outros a quem não será dado esse tipo de prova que Tomé requereu e recebeu; eles terão de acreditar também e são chamados felizes por crerem sem ter visto. Esses “outros” somos todos nós, cristãos das gerações pós-apostólicas. Em vez de provas palpáveis, a nós é transmitido o testemunho escrito das testemunhas oculares, para que nós creiamos e, crendo, tenhamos a vida em seu nome (v. 30-31). A fé dos apóstolos é nossa.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

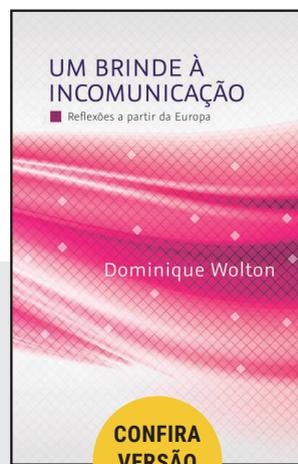
Todo o mundo gosta de ter provas palpáveis para acreditar. Mas para que acreditar quando se têm provas palpáveis? E as pretensas provas, que certeza dão? Nossa fé não vem de provas imediatas, mas da fé das “testemunhas designadas por Deus” (At 10,41), principalmente dos apóstolos.

Os apóstolos foram as testemunhas da ressurreição de Jesus. Eles puderam ver o Ressuscitado e por isso acreditaram. Tomé foi convidado por Jesus a tocar nas chagas das mãos e do lado (Evangelho). Tomé pôde verificar e acreditou: “Meu Senhor e meu Deus!” Nós não temos esse privilégio. Seremos felizes se crermos sem ter visto (Jo 20,29). Para que isso, porém, seja possível, os apóstolos nos deixaram os Evangelhos, testemunho escrito do que eles viram e da fé no Cristo e Filho de Deus que abraçaram (Jo 20,30-31).

O Cristo descrito nos Evangelhos é visto com os olhos da fé dos apóstolos. Um incrédulo o veria bem diferente. Nós cremos em Jesus como os apóstolos o viram. A participação na fé dos apóstolos nos dá a possibilidade de “amar Cristo sem tê-lo visto” e de “acreditar nele (como Senhor e fonte de nossa glória futura), embora ainda não o vejamos” (II leitura).

## Um brinde à incomunicação: reflexões a partir da Europa

*Dominique Wolton*



112 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Este livro tem como objetivo mostrar a importância da conexão entre duas revoluções que aconteceram no âmbito da política na Europa: a construção dos 27 Estados-membros que hoje formam a União Europeia e a construção de uma comunicação que parte da realidade da incomunicação.



**Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!**

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

Acreditamos na fé dos apóstolos e da Igreja que eles nos deixaram. Então, nossa fé não é coisa privada. É apostólica e eclesial. Damos crédito à Igreja dos apóstolos. Os primeiros cristãos faziam isso materialmente: entregavam seus bens para que ela os transformasse em instrumentos do amor do Cristo. Crer não é somente aceitar verdades. É agir segundo a verdade do ser discípulo e seguidor do Cristo.

É inútil querer verificar e provar nossa fé sem passar pelos apóstolos e pela corrente de transmissão que eles instituíram, a Igreja. É impossível verificar, por evidências fora do âmbito dos Evangelhos, a ressurreição de Cristo. Ora, o importante não é “verificar”, ao modo de Tomé, mas viver o sentido da fé que os apóstolos (incluindo Tomé) transmitiram. A fé dos apóstolos exige que creiamos em seu testemunho sobre Jesus morto e ressuscitado e também que pratiquemos a vida de comunhão fraterna na comunidade eclesial que brotou de sua pregação.

Num tempo de hiperindividualismo, como é o nosso, essa consciência de acreditarmos naquilo que os apóstolos acreditaram é muito importante. Deles recebemos a fé, nossa “veste branca”, e, na comunidade que eles fundaram, nós a vivemos. Ora, por isso mesmo é tão importante que essa comunidade, por todo o seu modo de viver o legado do Ressuscitado, seja digna de fé.

3º DOMINGO DA PÁSCOA

23 de abril



## A experiência de Emaús

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do 2º domingo da Páscoa apresentou a comunidade apostólica e sua fé em Jesus Cristo ressuscitado. Agora, o 3º

domingo apresenta a mensagem que essa comunidade anunciou ao mundo, a pregação dos apóstolos nos primórdios da Igreja: o “querigma”. A perspectiva do anúncio universal é criada pela antífona da entrada, com o Salmo 66[65],1-2: “Aclamai a Deus, toda a terra”, enquanto a oração do dia evoca a renovação espiritual dos que creem e recebem a condição de filhos e filhas de Deus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 2,14a.22-33)

A primeira leitura apresenta o “querigma” apostólico, o anúncio – no discurso de Pedro em Pentecostes – da ressurreição de Jesus e de sua vitória sobre a morte. É o protótipo da pregação apostólica. Suprimida a introdução do discurso, por ser a leitura de Pentecostes (At 2,15-21), a leitura deste domingo se inicia com o v. 22, anunciando que o profeta rejeitado ressuscitou, cumprindo as Escrituras (Sl 16[15],8-10). Não se trata de ver aí uma realização “ao pé da letra”, mas de reconhecer nas Escrituras antigas a maneira de agir de Deus desde sempre, a qual se realiza num sentido “pleno” em Jesus Cristo. Ou melhor: naquilo que se vê em Jesus, aparece o sentido profundo e escondido das antigas Escrituras. O importante nesse querigma é o anúncio da ressurreição, como sinal de que Deus “homologou” a obra de Jesus e lhe deu razão contra tudo e todos. Isso é atestado não só por testemunhas humanas, mas também pelo testemunho de Deus mesmo, na Escritura. O Salmo 16[15], por exemplo, originalmente a prece de quem sabe que Deus não o entregará à morte, encontra em Cristo sua realização plena e inesperada. Esse salmo é também o salmo responsorial desta liturgia e terá de ser devidamente valorizado.

### 2. II leitura (1Pd 1,17-21)

Na segunda leitura, continua a leitura da 1Pd, iniciada no domingo passado. Jesus Cristo é visto como aquele que nos conduz

a Deus. Sua morte nos remiu de um obsoleto modo de viver. Por meio de Cristo, ou seja, quando reconhecemos e assumimos a validade do seu modo de viver e de morrer, chegamos a crer verdadeiramente em Deus e o conhecemos como aquele que ressuscita Jesus, aquele que dá razão a Jesus e “endossa” sua obra. Isso modifica nossa vida. Desde nosso batismo, chamamos a Deus de Pai; mas ele é também o Santo que nos chama à santidade (1Pd 1,16; cf. Lv 19,2). O sacrifício de Cristo, Cordeiro pascal, obriga-nos à santidade. Os últimos versículos desta leitura (v. 19-21) constituem uma profissão de fé no Cristo, que desde sempre está com Deus: ele nos fez ver como Deus verdadeiramente é, e por isso podemos acreditar que Deus nos ama.

### 3. Evangelho (Lc 24,13-35)

O Evangelho é preparado pela aclamação, que evoca o ardor dos discípulos ao escutar a Palavra de Deus (Lc 24,32). Trata-se da narrativa dos discípulos de Emaús (lida também na missa da tarde no domingo da Páscoa). A homilia pode sublinhar diversos aspectos.

1) “Não era necessário que o Cristo padecesse tudo isso para entrar na glória?” (v. 26). Cabe parar um momento no termo “o Cristo”. Não é apenas de Jesus como pessoa que se trata, mas também de Jesus enquanto Cristo, Messias, libertador e salvador enviado e autorizado por Deus. Não se trata apenas de reconhecer a vontade divina a respeito de um homem piedoso, mas sobretudo do modo de proceder de Deus no envio de seu representante, o “Filho do Homem”, revestido de sua autoridade (cf. Dn 7,13-14), que deve levar a termo o caminho do sofrimento e da doação da vida (Lc 9,22.31).

2) Jesus “Ihes explicou, em todas as Escrituras, o que estava escrito a seu respeito” (v. 27). Em continuidade com a primeira

leitura, podemos explicitar o tema do cumprimento das Escrituras. As Escrituras fazem compreender o teor divino do agir de Jesus. Enquanto os discípulos de Emaús estavam decepcionados a respeito de Jesus, fica claro agora que, apesar da aparência contrária, Jesus agiu certo e realizou o projeto de Deus. As Escrituras testemunham isso. Jesus assumiu e levou a termo a maneira de ver e de sentir de Deus, a qual, embora de modo escondido, está representada nas antigas Escrituras. Ele assumiu a linha fundamental da experiência religiosa de Israel e a levou à perfeição, por assim dizer. Todavia, só foi possível entender isso depois de ele ter concluído sua missão. Só à luz da Páscoa foi possível que as Escrituras se abrissem para os discípulos (cf. também Jo 20,9; 12,16).

3) Reconheceram-no ao partir o pão (v. 31.35). A experiência de Emaús nos faz reconhecer Cristo na celebração do pão repartido. Na “última ceia”, o repartir o pão fora reinterpretado, “ressignificado”, pelo próprio Jesus como dom de sua vida pelos seus e pela multidão (Lc 22,19); e à comunhão do cálice que acompanhava esse gesto, Jesus lhe dera o sentido de celebração da Nova e Eterna Aliança (Lc 22,20). Assim puderam reconhecê-lo ao partir do pão. No entanto, o gesto de Jesus na casa dos discípulos significava também a rememoração do gesto fundador que fora a última ceia, a primeira ceia da Nova Aliança. Desde então, esse gesto se renova constantemente e recebe de cada momento histórico significações novas e atuais. Que significa “partir o pão” hoje? Não é apenas o gesto eucarístico; é também o repartir o pão no dia a dia, o pão do fruto do trabalho, da cultura, da educação, da saúde... Os discípulos de Emaús, decerto, não pensavam num mero rito “religioso”, mas em solidariedade humana. Ao convidarem Jesus, não pensaram numa celebração ritual, mas num gesto de solidariedade humana: que

o “peregrino” pudesse restaurar as forças e descansar, sem ter de enfrentar o perigo de uma caminhada noturna. O repartir o pão de Jesus é situado na comunhão fraterna da vida cotidiana. Esse é o “aporte” humano que Jesus ressignifica, chamando à memória o dom de sua vida.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia deste dia nos conscientiza de que Jesus, apesar – e por meio – de seu sofrimento e morte, é aquele que realiza plenamente o que a experiência de Deus, no Antigo Testamento, já deixou entrever, aquilo que se reconhece nas antigas Escrituras quando se olha para trás à luz do que aconteceu a Jesus. Ao tomarmos consciência disso, brota-nos, como nos discípulos de Emaús, um sentimento de íntima gratidão e alegria (“Não ardia nosso coração [...]?”, Lc 24,32) que invade a celebração toda, especialmente quando, ao partir o pão, a comunidade experimenta o Senhor ressuscitado presente no seu meio.

A saudade é a benfazeja presença do ausente. Quando alguém da família ou uma pessoa querida está longe, procuramos nos lembrar dessa pessoa. É o que aconteceu com os discípulos de Emaús. Jesus fora embora... Mas, sem que o reconhecessem, estava caminhando com eles. Explicava-lhes as Escrituras. Mostrava-lhes o veio escondido do Antigo Testamento que, à luz daquilo que Jesus fez, nos faz compreender ser ele o Messias: os textos que falam do Servo sofredor, o qual salva o povo por seu sofrimento (Is 52–53); ou do Messias humilde e rejeitado (Zc 9–12); ou do povo dos pobres de Javé (Sf 2–3) etc. Jesus ressuscitado mostrou aos discípulos de Emaús esse veio, textos que eles já tinham ouvido, mas nunca relacionado com aquilo que Jesus andou fazendo... e sofrendo.

Isso é uma lição para nós. Cumpre-nos ler a Sagrada Escritura por intermédio da visão de Jesus morto e ressuscitado, dentro da comunidade daqueles que nele creem. É o que fazem os apóstolos na sua primeira pregação, quando

anunciam ao povo reunido em Jerusalém a ressurreição de Cristo, explicando os textos que, no Antigo Testamento, falam dele, como mostra a primeira leitura. Para a compreensão cristã da Bíblia, é preciso ler a Bíblia na Igreja, reunidos em torno de Cristo ressuscitado.

O que aconteceu em Emaús, quando Jesus abriu as Escrituras aos discípulos, é parecido com a primeira parte de nossa celebração dominical, a liturgia da Palavra. E muito mais parecido ainda com a segunda parte, o rito eucarístico: Jesus abençoa e parte o pão, e nisso os discípulos o reconhecem presente. Desde então, a Igreja repete esse gesto da fração do pão e acredita que, neste, Cristo mesmo se torna presente.

Emaús nos ensina as duas maneiras fundamentais de ter Cristo presente em sua ausência: ler as Escrituras à luz de sua memória e celebrar a fração do pão, o gesto pelo qual ele realiza sua presença real, na comunhão de sua vida, morte e ressurreição. É a presença do Cristo pascal, glorioso – já não ligado ao tempo e ao espaço, mas acessível a todos os que o buscam na fé e se reúnem em seu nome.

## 4º DOMINGO DA PÁSCOA

30 de abril



## Jesus, a porta de pastores e ovelhas

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O 4º domingo da Páscoa é conhecido, na pastoral, como o domingo do Bom Pastor. A oração do dia é inspirada por esse tema (a fraqueza/fragilidade do rebanho e a fortaleza do Pastor). Porém, desde a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o conjunto literário do “Bom Pastor”, no

Evangelho de João, foi repartido pelos três anos do ciclo, A, B e C. Neste Ano A, a leitura do Evangelho não apresenta, propriamente, a parábola do Bom Pastor (Jo 10,11-18, Evangelho do Ano B), e sim o trecho anterior, a parábola da porta e dos pastores (Jo 10,1-10). Essa parábola dá ensejo à exploração de outros temas que não os tradicionais, para que, segundo o desejo do Concílio, seja “ricamente servida” a mesa da Palavra.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (At 2,14a.36-41)

A primeira leitura é a continuação da pregação missionária de Pedro que já ouvimos no domingo anterior. Apresenta-se o querigma cristão e a conversão, o que combina bem com o espírito da Páscoa como celebração do batismo. Pedro conscientiza os judeus de Jerusalém de que Jesus, rejeitado e morto por eles, foi por Deus constituído Senhor e Cristo (v. 36). Essa pregação provoca o arrependimento (metanoia) no coração dos ouvintes: convertem-se e aderem ao círculo dos discípulos (v. 37-41). O povo de Israel é agora obrigado a optar, e não só Israel, mas também os que o Senhor chamou “de longe”, os não israelitas (v. 39; cf. Is 57,19). Parte da população de Jerusalém se converte, então, àquilo que Pedro anunciou. Essa conversão pode reter, hoje, nossa atenção. É o protótipo da adesão à Igreja em todos os tempos. Nós estamos acostumados a nascer já batizados, por assim dizer. Isso, contudo, não quer dizer que nos tenhamos convertido para aderir a Cristo na sua Igreja. Pensemos naquela multidão que, pouco antes, desconhecia ou até desprezava o caminho e a atitude de Jesus de Nazaré e, ativa ou passivamente, havia concordado com sua crucifixão. Agora que Pedro, pela força do Espírito, lhes mostra que essa vida (de Jesus) foi certa e por Deus coroada, eles deixam acontecer neles próprios a

verdadeira metanoia, a “revirada” do coração. Em virtude daquilo que lhes foi pregado a respeito do Cristo, mudam sua maneira de ver, sua escala de valores. Essa metanoia consiste em passar pela porta que é Cristo, como diz o Evangelho, em repudiar ladrões e assaltantes, que se apresentam sem passar por ele. Consiste em não aderir a nada que não seja conforme Cristo, marcado por sua vida e situado no seu caminho. Será que nós fizemos essa conversão?

### 2. II leitura (1Pd 2,20b-25)

Pedro ensina os que vivem na condição de escravo ou servo (1Pd 2,18) a trilhar os passos de Jesus Cristo pastor. Assemelhado ao Servo padecente de Deus (Is 52-53), Cristo deu, no seu sofrer, o exemplo da paciência. A imagem das ovelhas perdidas, no v. 25, corresponde à imagem do Pastor, ao qual o rebanho se confia pelo batismo. Ele nos abre o caminho certo: não o da violência opressora, mas o da justiça que, para se provar verdadeira, não se recusa a sofrer.

### 3. Evangelho (Jo 10,1-10)

O Evangelho é a parábola da porta do rebanho e dos pastores. No contexto anterior, na história do cego (Jo 9), os fariseus mostraram ser os verdadeiros cegos. Eles deveriam ser os pastores de Israel, mas não o são. Em continuidade direta com esse episódio – pois não há nenhuma nova indicação de cenário –, Jo 10 mostra quem não é e quem é o verdadeiro pastor. Os v. 1-5 narram uma parábola: a cena campestre do redil comunitário, onde entram e saem os pastores e as ovelhas, mas onde também entram, por vias escusas, os assaltantes, para roubar e matar. As autoridades judaicas não entendem a parábola (v. 6), pois só entende quem crê em Cristo. Em seguida, nos v. 7-18, a parábola é explicada em dois sentidos: Jesus é a porta (v. 7-10), Jesus é o pastor (v. 11-18). No trecho lido neste domingo, é apresentada a parábola

introdutória e a primeira explicação: Jesus Cristo é a porta. Por ele entram os pastores verdadeiros, por ele são conduzidas as ovelhas até os prados onde encontrarão vida. Antes dele, vieram pessoas que entravam e saíam, não pela porta, mas por outro lugar: eram assaltantes, que conduziam as ovelhas para a perdição, para tirar-lhes a vida. Pouco importa quem sejam esses assaltantes – Jesus parece pensar nos mestres judeus de seu tempo –, não os devemos seguir. O que importa é a mensagem positiva: que passemos pela porta que é Jesus Cristo. Só o caminho que passa por ele é válido. Essa porta se situa, portanto, na comunidade dos fiéis a Cristo. Na comunidade que representa o Cristo, depois da ressurreição, encontramos o que nos serve para sempre; teremos o mesmo acesso ao Pai que os apóstolos encontraram na pessoa de Jesus (cf. Jo 14,6-9). Jesus, com sua comunidade, é a porta que dá acesso ao Pai. Ele dá acesso ao caminho da salvação tanto aos pastores, para entrarem, quanto aos rebanhos, para saírem rumo às pastagens. Onde há vida, é por Cristo que chegamos a ela (cf. Jo 14,6). O prefácio da Páscoa II (Cristo, nosso guia para a vida nova) e a oração final (proteção e “prados eternos” para o rebanho) dão continuidade a esse tema.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O tempo pascal é tempo de reflexão sobre a realidade de nosso batismo e de nossa fé. Ora, nosso batismo não é real sem metanoia, sem mudança de caminho, para conscientemente passarmos por Cristo. O batismo por conveniência não tem nada a ver com a conversão implicada no batismo verdadeiro.

Conversão como reconhecimento do que está errado e adesão a Cristo como escolha do caminho certo, eis o que nos propõe a liturgia deste dia. Mas, apesar de certa austeridade nessas considerações, temos também o testemunho da gratificação vital que essa conversão a Cristo nos traz. No contexto em

que vivemos, podemos, porém, fazer uma pergunta: a salvação vem só por Cristo?

A parábola e sua primeira explicação (Jesus, a porta) nos ensinam que pastor, mesmo, é só quem passa através de Jesus e faz o rebanho passar por ele. O sentido fundamental da pastoral é ir às pessoas por Cristo e conduzi-las, através dele, ao verdadeiro bem. As maneiras podem ser muitas: antigamente, talvez, usavam-se modos mais paternalistas; em nossos dias, modos mais participativos. Seja como for, pode-se chamar de pastoral uma mera ação social ou política? Por mais importante que seja, semelhante ação ainda não é, de per si, ação pastoral cristã. Para ser pastoral cristã, a atuação precisa ser orientada pelo projeto de Cristo, que ele nos revelou, dando sua vida por nós.

Nessa ótica, os pastores devem ir aos fiéis (não aguardá-los de braços cruzados), através de Cristo (não através de mera cultura ou ideologia), para conduzi-los a Deus (não apenas à instituição que é a Igreja), fazendo-os passar por Cristo, ou seja, exigindo adesão à prática de Cristo. Os fiéis devem discernir se seus pastores não são “ladrões e assaltantes”, e o critério para discernir é este: se chegam através de Cristo e fazem passar os fiéis por ele.

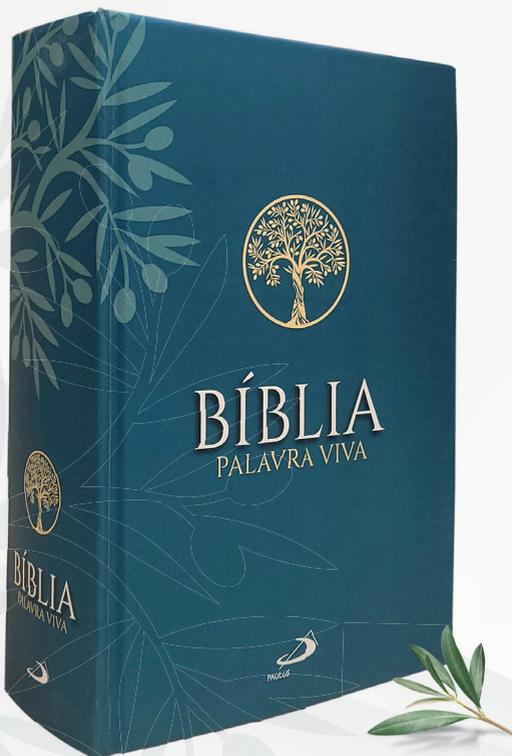
A julgar pelas palavras do Novo Testamento, parece que toda a salvação passa por Cristo. Entretanto, isso deve ser entendido num sentido inclusivo, não exclusivo. Todo caminho que verdadeiramente conduz a Deus, em qualquer religião e na vida de “todos aqueles que procuram de coração sincero” (Oração Eucarística IV), passa, de fato, pela porta que é Jesus. Dirigido, provavelmente, a pessoas que já aderiram à fé em Jesus, o Evangelho de João ensina: não precisam procurar a salvação fora desse caminho. Isso vale ser repetido para os cristãos de nosso tempo. Por outro lado, não é preciso que todos confessem o Cristo explicitamente para encontrar a salvação. Basta que, nas opções da vida, optem pela prática que foi, de fato, a de Cristo. Agir como Cristo é a salvação. E é a isso que a pastoral deve conduzir. **vp**

# BÍBLIA

## PALAVRA VIVA

### POR QUE ADQUIRIR A NOVA EDIÇÃO DA SAGRADA ESCRITURA?

A Bíblia Palavra Viva é indicada, sobretudo, para a leitura orante. Sua proposta é ajudar as pessoas e comunidades de fé a ler a Bíblia com a Bíblia, resgatando elementos da grande tradição judaica e patrística. Para ajudar a descobrir os tesouros inesgotáveis da Palavra de Deus, a edição propõe como que um texto em três dimensões, considerando a experiência que originou os textos, as tradições orais e o uso litúrgico. As introduções e notas, além disso, com dados históricos e geográficos, descortinam o panorama da revelação, que se realiza na história que Deus faz com seu povo em tempos e lugares específicos. Cristo, Palavra Viva, é a chave de leitura para que toda a Escritura seja de fato um encontro com o Deus que nos fala hoje.



#### SEUS MUITOS DIFERENCIAIS:

- Mais de 3.056 páginas em duas cores;
- Uso do tetragrama Yhwh para o nome divino;
- Indicada para a leitura orante;
- Introduções aos conjuntos de livros e a cada livro bíblico;
- 378 notas temáticas para um percurso de leitura orante;
- A Bíblia com maior quantidade de passagens paralelas;
- Notas exegéticas;
- Mapas atualizados segundo as mais recentes descobertas arqueológicas;
- Quadro cronológico comparativo da Bíblia e das civilizações antigas.

## Confira!

paulus.com.br/loja  
11 3789-4000 | 0800-0164011  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!



# COLEÇÃO MINISTÉRIOS



A **PAULUS** selecionou seis títulos que vão contribuir para a sua formação teológica, moral e humanista. São obras destinadas a todos os interessados em aprofundar seus conhecimentos sobre a Doutrina Social da Igreja e as urgências sociais. Confira!

paulus.com.br/loja  
11 3789-4000 | 0800-0164011  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!

